

A EXPERIÊNCIA DE AMBIENTAÇÃO DE ESTUDANTES ORIUNDOS DO TIMOR LESTE NO BRASIL: QUESTÕES A PARTIR DA UNILAB

THE ENVIRONMENTAL EXPERIENCE OF STUDENTS FROM THE EAST TIMOR IN BRAZIL: ISSUES FROM UNILAB

AURIANE FERREIRA DE SOUSA

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a adaptação dos estudantes timorenses e sua ambientação ao cotidiano de pequenas cidades no nordeste brasileiro. A pesquisa foi delimitada nas residências e nos campi da UNILAB no estado do Ceará. Considerando que a universidade tem apenas dez anos de existência, portanto, é facilmente constatada uma carência, no sentido de compreendermos como se dá a adaptação dos calouros internacionais na instituição, mais especificamente por parte dos estudantes oriundos de Timor Leste. A partir de dados obtidos através de entrevistas, o artigo examina fatos relacionados às experiências, expectativas e desempenho destes alunos, no contexto em que estão inseridos. Os dados revelaram que ocorreram efeitos significativos relacionados a estranhamentos relacionados com a língua, a aprendizagem e o estresse condicionados pelo distanciamento de seu país como também por um suposto baixo reconhecimento por parte da instituição para com a cultura timorense. Os resultados da análise dos dados podem servir de guia para possíveis direções de pesquisas que visem um melhor acolhimento e produtividade de estudantes timorenses e/ou de outros países, seja na região do Maciço de Baturité (CE) ou mesmo em outras regiões do Brasil.

Palavras-chave: Adaptação cultural. Timor Leste. UNILAB. Sociabilidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the adaptation of Timorese students and their environment to the daily life of small cities in northeastern Brazil. The research was delimited in UNILAB residences and campuses in the state of Ceará. Considering that the university is only ten years old, therefore, it is easy to see a lack, in the sense of understanding how the adaptation of international freshmen in the institution occurs, more specifically on the part of students from East Timor. Based on data obtained through interviews, the article examines facts related to the experiences, expectations and performance of these students, in the context in which they are inserted. The data revealed that there were significant effects related to strangeness in regard to the language, learning and stress conditioned by the distance from his country as well as by an alleged low recognition on the part of the institution towards the Timorese culture. The results of the data analysis can serve as a guide for possible research

directions that aim at a better reception and productivity of Timorese students and / or from other countries, whether in the Maciço de Baturité region (Ceará) or even in other regions of Brazil.

Keywords: Cultural adaptation. East Timor. UNILAB. Sociability

Aprovado em 30/03/2021

Sumário

Introdução	4
1. Percurso Da Pesquisa	9
1.1 Aspecto Metodológico Da Pesquisa	11
2. Contexto Histórico E Geográfico Do Timor Leste	12
2.1 Abertura Social Do Timor Leste	17
3. Representantes De Timor Leste Na Unilab	20
4. Conclusão E Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas	37
Apêndice A — Perguntas Para Os Estudantes Timorenses	41
Anexo A — Transcrição Das Entrevistas	42

INTRODUÇÃO

Todos os anos, diversos estudantes internacionais buscam por formação universitária em instituições brasileiras. Durante a minha formação na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), conheci uma população de estudantes do Timor Leste e essa convivência me despertou o interesse em saber mais sobre o seu país e como estavam sendo suas experiências de adaptação no Brasil.

Quando comecei esse estudo, tinha como objetivo contribuir no sentido de reunir dados para que possam ser pensadas novas formas de assistência aos estudantes timorenses. Entretanto, ao fazer a análise das informações, me deparei com outro aspecto que me pareceu mais interessante a ser observado naquele momento, o aspecto cultural. Um grupo ter que lidar e conviver com outros que às vezes pode ser maior em número de pessoas e o peso maior no reconhecimento dos costumes. Ou seja, os timorenses são o grupo com menor número de estudantes entre os grupos de estudantes dos países parceiros da UNILAB, tendo que se fazer visível entre a maioria de estudantes africanos que, diferentemente do que acontece com o grupo asiático, se amplia semestralmente através da chegada de novos estudantes. Um diferencial que talvez signifique uma maior ou menor experiência de adaptação entre os grupos presentes na instituição. Os timorenses especificamente chegaram à UNILAB com a bagagem de ser de um país recente.

A independência da República Democrática de Timor Leste se deu no dia 20 de maio de 2002, após os invasores indonésios desocuparem o território. Em seguida, o país veio a enfrentar desafios nos campos das políticas públicas, econômicas e infraestruturas, pois a Indonésia deixou o país completamente destruído. Dentro deste cenário existem ainda os problemas relacionados à educação que existem desde a colonização portuguesa até aos dias atuais tais como: na qualidade de ensino, na infraestrutura das escolas, com a falta de capacitação dos profissionais da área entre outras questões relacionadas à educação. (GOMES, 2017).

Diante do cenário descrito acima, e com o agravante de que mais da metade da população é analfabeta (CORTES, 2015), o Estado iniciou a elaboração de seus planos e políticas para responder às demandas da sociedade e buscar suprir suas deficiências. Dessa iniciativa surgiu o Plano Nacional de Educação (2007-2012) daquele país. Entretanto, o planejamento foi considerado insatisfatório, assim, em 2011 surgiu o “Plano Estratégico Nacional da Educação - PENE” previsto no plano geral do governo (Plano Estratégico de Desenvolvimento - PED). O diferencial desse planejamento para o primeiro é que o Estado

timorense ouviu sua população desde aqueles que vivem nas áreas remotas até nas zonas urbanas para a elaboração do plano para que responda às metas e falhas do primeiro plano no período de 2011 a 2030. (GOMES 2017).

Um dos objetivos desse plano é capacitar profissionais da administração pública na língua portuguesa, em especial em Portugal (IORO; NOGUEIRA, 2019), mas o Brasil também foi um país escolhido para ajudar nessa capacitação.

Assim, o recorte deste artigo abrange a relação dos estudantes timorenses que vieram passar pela formação acadêmica na UNILAB, objetivando sempre observar qualitativamente a experiência de adaptação e integração desses estudantes no contexto de graduação e da vida social e cultural que viveram/vivem no Brasil.

Os timorenses chegaram à cidade de Redenção em 2011, bem no início dos trabalhos da nova instituição federal de ensino, ou seja, esta população participou desde os primeiros dias da construção de identidade da UNILAB. Com essas informações em mente, decidi pesquisar essa trajetória, na forma percebida por eles.

Essa pesquisa foi realizada em 2017, já que naquele ano iriam retornar para Timor metade dos estudantes que estavam matriculados na UNILAB. Eram os primeiros formados na instituição a retornar ao país. Assim, para não perder os dados sobre esses estudantes, tomei a iniciativa de colher os dados sobre suas experiências antes do retorno. Pois, diferentemente dos estudantes dos outros países, hoje em dia já não existem novas entradas semestrais de estudantes timorenses na instituição. Tanto é que esse grupo foi o primeiro e único até hoje a ser enviado para estudar na instituição.

A UNILAB está localizada no estado do Ceará, nordeste brasileiro, mais especificamente na região do Maciço de Baturité. Considerando a cultura do único país asiático parceiro desta universidade brasileira, penso ser interessante estudar esse grupo específico na universidade, já que essa instituição engloba abriga, através da sua população universitária, não só a cultura brasileira, mas também a de cinco países do continente africano e do Timor.

Fazer intercâmbio abrange situações bem desafiadoras, como a separação da família, de amigos, adaptação a um novo clima, enfim, o distanciamento de costumes com os quais se conviveu por toda vida. Conseqüentemente, quando da submersão aos novos hábitos, surgem questionamentos de valores culturais (seus e dos habitantes do país hóspede) – o que talvez implique em choques culturais.

Com os desafios descritos acima, elenco para este artigo as seguintes questões: Como os estudantes oriundos do Timor Leste conseguem conviver e expressar sua identidade

cultural num ambiente de múltiplas culturas, tendo como foco a integração da comunidade acadêmica? É possível integrar brasileiros, estudantes do continente africano e timorenses na instituição? A integração defendida em documentos e até mesmo no nome da UNILAB é percebida pelos estudantes timorenses?

Neste cenário, a UNILAB tem desempenhado suas atividades com um público alvo, ressaltado na descrição da sua missão da seguinte forma:

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, de acordo com a sua Lei de criação, tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar profissionais e cidadãos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos e Timor Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (DIÓGENES; AGUIAR, 2013, p.10)

Assim, a UNILAB é uma instituição que busca um ponto de partida através da língua para realizar a integração dos países parceiros. Como é enfatizado no livro comemorativo de cinco anos de existência da UNILAB, ao explicar o seu propósito "A universidade nasceu com o objetivo de integrar países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, sempre articulada com outras instituições de diversas regiões", (2013, p. 29) se colocando como elo para um objetivo em comum, visto que suas histórias têm similaridades. E ainda: "A universidade busca construir uma ponte histórica e cultural entre o Brasil e os países de língua portuguesa, especialmente os da África, compartilhando soluções inovadoras para processos históricos similares". (2013, p.11).

Considerando que a pesquisa pretendeu compreender essa presença timorense na UNILAB desde sua chegada, em termos de recorte, o início deste trabalho pode ser compreendido a partir da inauguração da universidade, no dia 25 de maio de 2011. Desde então, estudantes internacionais oriundos dos países parceiros da universidade têm vindo anualmente ao Brasil, distribuindo-se entre os três campi da universidade no Ceará e o campus localizado no Estado da Bahia.

A UNILAB tem contribuído na história das cidades em que se faz presente por conta da chegada de estudantes dos países do continente africano e Timor Leste. Esses dois acontecimentos geraram um aumento populacional nas cidades que abrigam a universidade e seu entorno. Dessa forma, a comunidade local despertou para o seu papel na adaptação sociocultural desses estudantes. Contudo, ainda engatinha na compreensão das necessidades reais desses novos habitantes. O foco deste trabalho se concentra nas cidades de Acarape e Redenção (CE), pois todos os estudantes de Timor Leste estão localizados nesses municípios.

(F. SOUSA, 2017), visto que o campus dos Malês, em São Francisco do Conde (BA), só foi inaugurado em 2013, sendo que os últimos estudantes timorenses chegaram em 2012.

Dessa forma, instituições como a UNILAB, que pregam a internacionalização e a integração, realizaram um trabalho que, de fato, englobaria todo sentido da ideia de cultura. Já que tem o cenário ideal para execução, como também um regimento que reforça essa ideia. Portanto, temos nessa IES uma oportunidade pensada que se revela desafiadora, instigante e problemática: como lidar com essa diversidade que nos circunda? Como interagir com as diferenças e conciliar (sem proteger um grupo específico em detrimento de outros) de modo satisfatório ou menos prejudicial?

O intercambista tem expectativas comuns no que se refere a sair de seus lugares de origem e se deparar com a cultura do novo ambiente que encontrará na mudança de país. Esses dois momentos, que se complementam na inserção e integração desses indivíduos, são: o sócio-local e o social-acadêmico. Mas, essa iniciativa parte do princípio da realidade histórica vivida pelos timorenses antes de desembarcarem em território brasileiro. Pois, o ser humano age de acordo com os seus padrões culturais. Segundo o antropólogo Roque Laraia, “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (LARAIA, 1986, p.52). Portanto, nossos costumes vêm da nossa bagagem acumulada durante a nossa vivência e que contribui para as nossas crenças.

É a formulação de pensamento que é influenciada pelo grupo de pessoas da mesma origem e que gera um sentimento de pertencimento, de construção de identidade e de nação. Nas palavras de Stuart Hall: “As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2011, p.51). E de certa forma, criam identidades nacionais porque constroem um vínculo de pertencimento.

Após se fazerem conhecer, se consiga o envolvimento social. Esse envolvimento é muito importante para a sustentação das diferentes interpretações de mundo, conseqüentemente se opondo ao pensamento único que muitas vezes acontecem por meio das operações das redes de comunicação. Assim, a conquista do direito de mostrar suas histórias e informações com sua própria visão do mundo e 4 interpretação dos fatos. (BENEVENUTO JR, 2015) Para isso, é preciso conhecer a realidade enfrentada por esses intercambistas que escolheram por estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira - UNILAB e conseqüentemente aventurando-se na região interiorana do estado do Ceará. Conhecer as situações enfrentadas por esses estudantes fora e dentro da universidade é uma forma de subsidiar a comunidade acadêmica desta instituição para futuras intervenções e ajudar os discentes tanto brasileiros quanto estrangeiros na compreensão nesta etapa de suas vidas. Já que todos os estudantes ao ingressar em uma universidade precisam passar por ajustes. O aluno vem do ambiente escolar onde já conhece o funcionamento e os integrantes, ou seja, está habituado ao espaço. Visto que, vinculado a universidade, o estudante tem o desafio de começar de novo, pois ainda não conhece o andamento da instituição de ensino superior que difere do escolar. Dessa forma, terá que se adaptar ao novo ambiente.

Segundo o dicionário de psicologia a adaptação é tida como: “um conjunto das modificações dos comportamentos que visam garantir o equilíbrio das relações entre o organismo e os seus meios de vida e, ao mesmo tempo, mecanismos e processos que subentendem tal fenômeno” (p. 411).

Já para a sociologia:”a adaptação refere-se às mudanças que ocorrem com o objetivo de manter os vários aspectos de uma cultura ou suas estruturas ou, em casos extremos, de contribuir para sua sobrevivência, em qualquer que seja a forma. Todos os sistemas sociais têm de se adaptar em relação a outros sistemas e ao ambiente natural”. [...] “Por esse motivo, sistemas sociais são obrigados a levar em conta mudanças em outros sistemas e no ambiente físico”. (JOHNSON, 1997, p. 12)

Mas é importante ter em mente as mudanças que Bauman observa:

“A cultura humana, longe de ser a arte da adaptação, é a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os grilhões da adaptação como obstáculo fundamental à plena revelação da criatividade humana. A cultura, sinônimo da existência especificamente humana, é um audacioso movimento a fim de que o ser humano se liberte da necessidade e conquiste a liberdade para criar”. (BAUMAN, 2012, p. 201). A liberdade criativa só é possível uma vez que se entenda que a cultura não é definível. Por que determinar uma configuração do conceito cultural é o mesmo que criar barreiras. Assim, o problema em dar uma definição é que você acaba por datar e limitar um conceito as informações do momento. Nesse caso é uma busca sem sentido por um sentido com o argumento de ajudar no que realmente importa, mas isso varia. Na conjuntura acadêmica, a prática do interculturalismo se torna fundamental na compreensão do outro. Mesmo que esse outro tenha hábitos culturais completamente

diferentes dos seus. Nesse sentido as instituições de ensino superior têm um papel muito importante na cooperação internacional, o que as fazem promotoras do processo de integração. Porque a universidade aproxima as culturas de pessoas de várias partes do mundo em um único ambiente.

Mas o que é integração? É possível defini-la?

Segundo o dicionário integração é “uma ação de incorporar”, “de unir os elementos num só grupo” (Dicionário online de Português, rever referências). Para a sociologia, integração é designar um conjunto de processos que constituem uma sociedade combinados com seus componentes (pessoas, organizações ou instituições). (PIRES, 2012)

A integração como definição está condicionada a mudanças de hábitos da sociedade. O que a torna inteiramente volátil. Já que está diretamente ligada à cultura. Assim, o ato de integrar não pode ser delimitado a um único conceito. Entretanto, é possível definir seus caminhos de incorporação.

1. PERCURSO DA PESQUISA

A elaboração da presente pesquisa iniciou-se quando eu senti falta de dados sobre a adaptação dos estudantes timorenses na UNILAB como uns dos motivos para pesquisar e realizar este trabalho, na esperança de que ele contribuísse na solução das questões encontradas. O desenvolvimento do trabalho começou em 2016, no momento da formação de ideias sobre um tema adequado a ser tratado para o enfrentamento dos problemas detectados. Desta forma, foi definido o tema denominado “Ambientação dos estudantes oriundos de Timor Leste na UNILAB”, para corresponder à finalidade do trabalho voltado para a realidade da universidade e do Timor Leste. No momento que foi definido o tema, eu comecei a estudar os dados e informações gerais sobre a realidade do país (localização, história, a questão socioeconômica, entre outros fatores) e principalmente os dados e documentos que apresentassem a política de desenvolvimento e educação timorense.

O primeiro passo da pesquisa teve por objetivo identificar e conhecer mais profundamente as culturas e vivências da sociedade timorense, de modo a perceber como isso afeta o percurso acadêmico dos estudantes, isso para que a pesquisadora pudesse compreender os motivos que estão por trás da trajetória traçada por eles na UNILAB. O segundo passo se

deu a partir da leitura de livros e artigos desenvolvidos pelos atores acadêmicos que tratam sobre ambientação de estudantes internacionais, políticas públicas e Timor Leste. Com as leituras, pretendi chegar à análise sobre a abordagem teórica que reflete uma discussão significativa como contribuição para o artigo.

O terceiro passo teve início com as orientações da professora Ana Cristina Cunha da Silva que me orientou nas pesquisas, no que diz respeito à metodologia utilizada para a investigação proposta no estudo. Nesta etapa definiu-se que a metodologia a ser adotada seria a observação participante, segundo as ideias de Ulf Hannerz no livro *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*.

No mês de março de 2017, intensifiquei a pesquisa, analisando os dados historiográficos sobre o Timor e já começando a conversar com os estudantes timorenses para buscar sua disponibilidade em cooperar com a mesma. Foi nesse momento que descobri que dos 69 estudantes que estavam estudando na UNILAB, 32 iriam retornar, no final daquele semestre, para seu país. Sendo assim, em acordo com a orientadora decidimos antecipar a pesquisa de campo para não se perder a contribuição desse grupo para a integração da instituição.

Com a mudança de planos, no que diz respeito a antecipação das entrevistas com os estudantes e o desenvolvimento do trabalho, conforme os dados analisados, o tema da pesquisa foi redefinido para chegar a uma resposta adequada aos problemas percebidos na vivência desses estudantes, seguindo sempre a metodologia do trabalho de Ulf Hannerz. Um tema que abrange tanto adaptação nos aspectos acadêmicos quanto de convivência com a população local, que não necessariamente compõe a comunidade acadêmica. Assim, o aspecto biográfico para melhor conhecer o perfil dos estudantes foi adicionado à pesquisa.

No mês de maio comecei a fazer as entrevistas, seguindo os dados da universidade, segunda a qual o recorte do número de estudantes internacionais eram: 3.613 estudantes no total. Desses, Angola totalizava 118, Cabo Verde, 95, Guiné-Bissau, 562, Moçambique, 31, São Tomé e Príncipe, 86 e Timor Leste, 69 (UNILAB / Diretoria de Registro e Controle Acadêmico - DRCA (dados de junho/2017)). Comecei, então, os estudos pelos que eu já conhecia e através destes fui apresentada a outros que aceitaram contribuir com a pesquisa.

Através das perguntas mais pessoais busquei conhecer um pouco da trajetória desses estudantes e para objetivamente chegar à base do meu trabalho que seria (i) investigar e compreender como os timorenses percebem a experiência de sair de seu país; (ii) o que os motivaram a ter essa iniciativa; (iii) as primeiras impressões ao desembarcar no Brasil; (iv) os

esforços de adaptação à nova cultura; (v) a relação com a universidade; e, (vi) como retornam ao país e de que maneira a cultura brasileira os acompanha ao Timor.

Os dados analisados foram coletados através de entrevistas (com questões abertas e fechadas) com estudantes oriundos do Timor Leste que estão/estavam fazendo cursos de graduação na UNILAB, nos campi localizados no Ceará. A escolha dos entrevistados foi aleatória e as entrevistas ocorreram nas casas dos interlocutores, na própria UNILAB e na minha casa. No total foram realizadas 28 entrevistas.

1.1 ASPECTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O método a ser adotado, ao princípio dessa pesquisa, seria um estudo de caso. Mas, no decorrer das entrevistas eu sempre ouvia que eu era a primeira pessoa a estudar a adaptação da população timorense no contexto da UNILAB em Redenção. Assim, sem abandonar o estudo de caso, ampliei minhas estratégias metodológicas, somando o método qualitativo ao quantitativo, conciliando-os por meio da observação direta e participante, estratégia esta que se mostrou mais apropriada para a pesquisa.

A observação participante é um método muito eficaz de coligir dados, pois através desse meio é possível capturar comportamentos que as pessoas verbalizam ou não, possibilitando considerar as relações e os contextos nos quais estão inseridos os indivíduos no tratamento dos dados (HANNERZ, 2015). Comecei a usar esse método ainda sem ter a intenção clara, já que inicialmente pretendia utilizar outra estratégia de pesquisa. Mas, foi no campo que esse mecanismo prevaleceu, por considerar o mais adequado, pois me permitiu escutar, observar e interpretar o que os meus interlocutores se dispuseram a relatar.

Para os primeiros entrevistados, busquei as pessoas que eu já conhecia e devido a essa convivência passei a elaborar as perguntas que considerei mais adequadas. Foi assim que pude perceber as mudanças de algumas opiniões relatadas somente para a pesquisa e que diferiam das que me eram ditas no cotidiano. Quem já me conhecia ficava mais à vontade para falar de suas experiências, diferentemente daqueles com os quais eu mantinha pouco ou quase nenhum contato. A percepção que eu tive era de que eles queriam me agradar, pelo fato de ser brasileira. Em alguns momentos também parecia que alguns não queriam falar por acreditarem que, de alguma forma, revelar os pontos negativos ou as suas dificuldades de

adaptação poderia me ofender, ou mesmo aos brasileiros de maneira geral, que naquele momento estavam representados por mim. Meu desafio foi fazê-los entender que os relatos verídicos de sua adaptação não eram uma ofensa ou muito menos sinal de ingratidão da parte deles para com o povo que os acolheu.

O desafio dessa pesquisa, que não consegui contornar, foi no que se refere à disparidade entre gêneros. Disparidade essa revelada nos resultados e que foi reflexo da resistência das mulheres em serem entrevistadas. Até mesmo as que eu já conhecia eram muito relutantes em participar da pesquisa. A única que teve ampla disponibilidade foi uma senhora de mais de 60 anos que, muito desconfiada, foi logo querendo saber o porquê de eu estar interessada em buscar dados sobre a experiência dela e dos seus conterrâneos. Ao explicar o meu objetivo ela passou a falar mais abertamente, até que me relatou a sua história de vida. Como já adiantei, através da entrevista pude descobrir que sua história pessoal estava totalmente atrelada à história de seu país, já que havia participado da resistência do Timor Leste contra a ocupação da Indonésia. Por conta dessa sua experiência, ela me explicou que as outras representantes femininas talvez não ficassem à vontade para falar com uma brasileira, com receio da interação na conversação no português. Embora já tenham mais de 5 anos vivendo no Brasil, elas tinham o receio de serem alvo de deboche por isso. No caso daquela senhora em específico, para que eu entendesse melhor o que ela estava me falando, explicou a história que possivelmente causei nessa falta de domínio da língua:

“O Timor, a comunidade de Timor tem diversos grupos étnicos e culturais que chamamos de Casa Tradicional. Dentro dessa Casa Tradicional tem leis para regular toda família e eles tem diversas culturas e diversas etnias. E também, cada município tem muitas línguas. Cada distrito tem dois ou três dialetos. Além de português, tetum, Malaio e inglês. Porque a maioria dos jovens fala mais a língua Malaio, que é a língua da Indonésia e a língua inglesa. Na época da invasão, durante vinte e quatro anos a língua portuguesa foi proibida e, portanto, isso os mais jovens não falam a língua portuguesa. Foi a partir de 2000 que retornamos a ensinar a língua portuguesa, falamos a língua portuguesa mas entre os mais velhos que estudavam na época portuguesa”.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO TIMOR LESTE

Para a história antropológica, os veda-australóides, um povo que se assemelha com os vedas de Ceilão, foram os primeiros a chegar à região hoje conhecida como Timor, entre os anos 40.000 e 20.000 a.C., tendo ali se estabelecido até por volta de 300 a.C. Depois chegaram os melanésios, que eram parecidos com o povo que vive na Papua Nova Guiné

atualmente e em algumas ilhas do Pacífico. Devido ao terreno montanhoso do país, é possível afirmar que não houve uma mistura entre os povos locais que habitavam aquele local e isso acarretou nesta diversidade linguística em Timor. Seguiram-se a chegar mais imigrantes dos povos chamados “proto-malaio”, descendentes do Sul da China e da Indochina do Norte, em 2.500 a.C. (HORTA, 2014).

Ainda de acordo com Horta (2014), no século VII, já havia um comércio entre Timor e China, principalmente envolvendo a venda de escravos, cera de abelha e sândalo (madeira nobre utilizada na fabricação de móveis e luxo e na perfumaria). Nesse período, os habitantes timorenses já pagavam impostos ao Reino Java - que reunia povos de origem da Indonésia.

Antônio de Abreu foi o primeiro europeu a alçar no país (ROWLAND, 1992). Portanto, os portugueses chegaram ao Timor no ano de 1512, tendo a região sido cartografada por Francisco Rodrigues (DURAND, 2006, SOUSA, 1997). Três anos mais tarde, os marinheiros iniciam-se no comércio da madeira de sândalo que existia na ilha. Quase um século depois, chegaram os holandeses. Assim, Portugal e Holanda foram responsáveis por influenciar fortemente a identidade cultural dos Timorenses, construindo uma ponte entre os costumes europeus e a população local. (CUNHA, 2012).

Os portugueses estabeleceram a política de interferência nos aspectos sociais das populações como maneira de controle. Recorrendo a táticas agressivas, similares à estratégia de domínio territorial (RIZZI, 2010; SOUSA, 2001). Para a coroa portuguesa, o Timor representava a glória do descobrimento no sudeste asiático, portanto, o país possuía um grande valor simbólico, pelo fato de terem sido os lusos os primeiros a chegarem nesta região do continente. Por outro lado, os holandeses preferiram uma política de não interferência. (SHOUTEN, 2011).

O nome “Timor” era comum para se referir às várias ilhas do arquipélago das Sundas (DURAND, 2006). Mas, no que se refere à ilha, o nome foi dado no período em que os portugueses eram os únicos colonizadores. Com a chegada dos holandeses no lado ocidental do território, os portugueses adotaram a expressão “Timor Português” para se referirem à região que lhes pertencia, com a finalidade de diferenciá-la da porção do Timor pertencente à Holanda.

A partir de 1702, com a chegada do primeiro governador português e também da igreja católica, através de seus missionários, teve início a organização colonial em Timor, para implementar o território administrativo no Timor português. A partir da colonização, o processo de desenvolvimento não teve progresso, nem com a participação dos portugueses e nem da sociedade timorense. Ou seja, Portugal governava o território de forma direta e

indireta na atividade administrativa, isso por meio da estrutura administrativa tradicional, conforme Horta:

Os timorenses e os portugueses tentaram reconstruir o país. Mas o desenvolvimento era lento. A taxa de crescimento anual entre 1953 e 1962 era apenas de 2%. Entretanto, as Nações Unidas declararam Timor Leste como sendo um território não-autônomo, sob administração portuguesa. Portugal governou Timor Leste de forma direta e indireta, administrando a população como um todo através das estruturas tradicionais de poder, em vez de empregar os funcionários civis da colônia. Este modelo de governação deixou a sociedade tradicional timorense praticamente intacta”. (HORTA, 2014, online)¹

Na Segunda Guerra Mundial, o Japão considerou o Timor Leste como um território estratégico por sua localização geográfica que facilitava seu destino ao sul, ajudando a separar a Austrália pelas suas colônias britânicas no sudeste da Ásia. Naquele período, Portugal declarou posição de neutralidade no conflito que se estendia em todas as colônias, “[...] tornando Timor Leste uma presa fácil para os interesses políticos e militares do Japão”. Porém, os portugueses ainda se interessavam pelos abundantes recursos naturais, como, por exemplo, petróleo, sândalo e reservas de gás. (GAGLITO, 2008, P.17)

O nome da ilha como conhecemos hoje só começou a ser usado em 20 de janeiro de 1975. Isso se deu após a queda do regime de Marcelo Caetano em Portugal e da adoção por parte da coligação FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente) / UDT (União Democrática Timorense). Mudança essa que contou com o apoio das autoridades pós-revolucionárias de Lisboa e de Díli (PIRES, 1981, FERNANDES, 2007).

Em 1975, por meio da Revolução dos Cravos, várias colônias portuguesas foram abandonadas. Então, nesse período a FRETILIN proclamava no dia 28 de novembro a independência do Timor Português (ROWLAND, 1992; FIUZA, s/ d:6). No entanto, a maioria dos países não reconheceu essa independência, o que acarretou vantagem para a Indonésia para ocupar o território timorense.

No dia 7 de dezembro de 1975 a Indonésia iniciou a sua invasão ao país, com forte poderio militar e práticas violentas, implementando a província (divisão territorial da República da Indonésia), denominada *Timor Timur*. A ocupação, nos seus primeiros anos, foi caracterizada pelo excesso de violência, culminando em massacre civil e desprezo pelos direitos humanos e proibição do uso da língua portuguesa na vivência dos timorenses. (ZANIN, 2011).

Segundo Rocha (2007) durante o período da ocupação pela Indonésia, os militares indonésios praticaram excessivo uso de violência contra a sociedade timorense que resultou

¹ <http://ramoshorta.com/historia-de-timor-leste/>

em morte, fome e privação de liberdades básicas. Ele descreve que:

O exército da Indonésia praticou uma política de violência indiscriminada contra a população civil do Timor Leste, o que revoltou a todos os habitantes e gerou a morte de quase 200 mil pessoas em 20 anos de repressão, fome e descaso mundial. A violência perpetrada pelas milícias, estimulada pelos militares indonésios. (ROCHA, 2007, p. 3)

Um dos episódios mais marcantes das violências praticadas pelo exército da Indonésia foi o Massacre de Santa Cruz, que aconteceu no dia 12 de novembro de 1991, no cemitério Santa Cruz, na capital Díli e que resultou em 300 a 400 mortes e muitas centenas de feridos. Dessas vítimas, a maioria eram jovens que realizavam uma peregrinação para acompanhar o funeral de um rapaz que pertencia à resistência da Igreja Motael ao cemitério. Este foi, no entanto, apenas um dos muitos massacres em Timor que perdeu um terço da sua população durante os anos de ocupação indonésia. (LEITE, 2007).

O massacre de Santa Cruz despertou a atenção de muitos países e da Organização das Nações Unidas (ONU), levando eles a se posicionarem sobre a situação do Timor Leste. Assim, a ONU determinou que Portugal e Indonésia discutissem medidas e soluções para o impasse e alternativas que permitissem a participação da sociedade timorense para decidir o seu destino. (GOMES, 2017).

A solução encontrada foi a realização de um plebiscito que aconteceu no dia 30 de agosto de 1999, com o apoio da ONU que buscava saber qual a opinião dos timorenses sobre o controle político do país, se queriam ser totalmente libertos ou se queriam continuar integrados à Indonésia. Diante dessas alternativas, os timorenses foram às urnas para decidir o destino do país. Decisão esta que ficou conhecida no dia 4 de setembro do mesmo ano, tendo a população optado pela liberdade total e impondo à Indonésia que renunciasse ao controle do território. Após o resultado, a ONU estabeleceu um governo transitório chefiado pelo brasileiro Sérgio Vieira de Melo para preparar o país para sua reconstrução e formação de Estado que se concretiza em abril de 2001, quando o Timor Leste passou a ter seu primeiro presidente democraticamente eleito pela maioria da população (COLARES, 2006; ZANIN, 2011).

O Timor Leste tornou-se independente em 20 de maio de 2002, pela segunda vez. Segundo Cunha, o Timor então “Foi o primeiro novo país do século XXI e é o único Estado soberano na Ásia que incorpora o português como uma das suas línguas oficiais²”. (CUNHA,

²A Região Administrativa Especial de Macau, na República Popular da China, terá o português como língua oficial pelo menos até 2049, data em que se completam 50 anos da transferência do território para a soberania chinesa. (CUNHA, 2012)

2012, p. 15).

Nos primeiros anos da sua independência, o Timor era considerado como estado unitário dividido em distritos, subdistritos, sucos e aldeias. Atualmente o país é dividido por 13 municípios, conforme a divisão realizada no período da ocupação da Indonésia. São eles: Aileu, Ainaro, Baucau, Bobonaro, Covalina, Dili, Ermera, Lautem, Liquiça, Manatuto, Manufahi, Oecusse e Viqueque. (GOMES, 2017). As figuras 1 e 2 reproduzidas abaixo representam a localização geográfica e a divisão territorial do país.

Figura 1: Localização geográfica de Timor Leste com os da CPLP



Fonte: CPLP

Figura 2: Divisão territorial de Timor Leste



Fonte: Mapas do Mundo, 2014

A população leste-timorense registra um aumento quase constante desde o período do domínio português. O último censo realizado em 2010 anunciou que o total da população leste timorense cifrava-se nos 1 066 409 habitantes (DNE, 2012). Nota-se que o país vem buscando não só um crescimento populacional, mas também em desenvolvimento, como aponta Cunha:

Nos dias de hoje, Timor-Leste, apesar da sua aparente insignificância no contexto geopolítico da região, diante dos dois gigantes econômicos e militares que são a Austrália e a Indonésia, assume cada vez maior relevo para a compreensão do fenômeno da globalização e como “caso de estudo” de transições sociais abruptas que se operaram numa sociedade fechada, tradicional e subdesenvolvida. Timor-Leste é hoje um Estado-nação pressionado a modernizar-se, perante uma conjuntura quase totalitária a que sobretudo as nações mais desprotegidas e dependentes que não podem escapar do fenômeno da globalização. (CUNHA, 2012, p.20).

Nesse sentido, a adesão do Timor Leste a políticas de acesso à educação superior, como a parceria firmada com o Brasil através da UNILAB, pode ser lida como mais uma das estratégias desse país para alcançar o desejado desenvolvimento, apesar desta parceria já caminhar para o esgotamento, como foi dito antes, já que gradualmente o Timor tem deixado de enviar estudantes para esta universidade.

2.2 ABERTURA SOCIAL DO TIMOR LESTE

Ao se tornar um estado soberano, em 20 de maio de 2002, o Timor Leste teve que buscar por sua reconstrução adotando medidas que promovessem o desenvolvimento com base sustentável, priorizando as políticas públicas básicas (saúde, educação, segurança e infraestrutura) em simultâneo. (MARÇAL, 2017) Para as políticas de desenvolvimento serem

iniciadas, o país se abriu para o mundo em busca de ajuda internacional.

A necessidade de se desenvolver e modernizar foi iniciada, mas o Timor precisou de ajuda internacional. Especialmente dos portugueses, por estarem envolvidos com o país desde que fora sua colônia. Portugal também fez parte do processo turbulento de descolonização na década de 1970 que, de certo modo, contribuiu para a criação de condições políticas que teve como consequência uma violenta ocupação por parte da Indonésia em território timorense, a partir de 1975, e que permaneceu no país durante 22 anos. A histórica relação de Portugal com o Timor Leste sempre foi marcada por um “dilema habitual entre equilibrar a ética internacional e salvaguardar os interesses nacionais”. (MENDES, 2011, p. 126).

Mendes acredita que Portugal tentou “conciliar” a necessidade de lidar com forças e atores internacionais” com uma “capacidade de manobra” – fortalecendo uma política externa mais assertiva – ao conseguir entrar na Comunidade Europeia em 1986, com a intenção de “melhorar o seu *soft power* num novo mundo globalizado” (2011, p. 125-126). Portanto, ao longo desse processo, Portugal participou de ações destinando “uma enorme quantidade de dinheiro para a cooperação com o Timor-Leste e as Nações Unidas” (USD\$ 655,21 entre 1999 e 2007), além de ter assinado vários acordos de assistência e cooperação nas áreas de “educação, governação e justiça” com este país. (MENDES, 2011, p. 127).

Após receber ajuda internacional (SILVA, 2008), o Timor Leste passou a formular o processo de (re)construção de uma nação, o país começou a investir na formação superior internacional de seus jovens, observando as orientações pautadas no Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030 (República Democrática do Timor-Leste - RDTL, 2011), tendo em vista capacitar profissionais da sua administração pública com o domínio da língua portuguesa, sobretudo em Portugal. (IORIO; NOGUEIRA, 2019). Isso se deu no período governado pelo seu primeiro presidente democraticamente eleito.

Segundo Niner (2011), Xanana Gusmão, cujo nome de batismo é José Alexandre Gusmão, foi presidente timorense do período 2002-2007, nasceu no distrito de Manatuto, leste do país, no dia 20 de junho de 1946, onde viveu sua infância com seus pais e outros seis irmãos. A biógrafa diz que, embora a família não pertencesse às camadas sociais mais pobres, não gozavam de regalias: a mãe não tinha profissão formal, se ocupando da casa e da família, e o pai era professor em escolas de nível primário e secundário, o que lhe conferia um estatuto social mais valorizado à época. De acordo com Niner, a família de Xanana vivia em condições melhores que a maioria da população local. Devido à profissão do pai, havia um incentivo à educação dos filhos, diferentemente do que acontecia (e ainda acontece) na maioria das famílias, cujas crianças nascidas em cidades do interior são preparadas para os

trabalhos rurais. Teve, por conta do pai, acesso facilitado a livros e estudos que o permitiram ampliar conhecimentos e expandir ideias com mais facilidade, além de ser socializado no universo católico, em língua portuguesa e de hábitos europeus.

O fato de ter um pai português trouxe para a dinâmica familiar costumes europeus e uma visão de mundo diferente da que seus companheiros políticos possuíam. Dos três primeiros presidentes eleitos foi o que melhores condições de vida possuía em termos de capital material e imaterial, o que fica evidente nas palavras de Xanana Gusmão (2006), quando descreve Ramos-Horta dizendo que ele “(...) era mais, como dizíamos, ‘selecto’, com ar sui generis de assimilado intelectual(...)” (p. 25), condições essas que influenciaram as decisões políticas de Gusmão como na adoção do português como língua oficial.

A aspiração em educar parte da sua população em países falantes da língua portuguesa deve-se ao fato desta língua ser, ao lado do Tétum, um dos idiomas oficiais do Timor Leste, ainda que seja falado por poucos na sociedade timorense. De acordo com o Jornal Timor Post, embora faça parte da CPLP, Timor Leste é um dos países com menor penetração da língua portuguesa. Em todo o território fala-se cerca de 20 línguas e dialetos para além do indonésio. Apenas 15% da população fala português. Este fenômeno é em decorrência da política de educação implementada no país na língua indonésia no período de 24 anos da ocupação do país que atingiu boa parte dos jovens que foram educados naquela época e que atualmente corresponde a maioria da população timorense, cuja média de idade é de 17,4 anos (RDTL, 2011). Segundo Lunardi (2014), a Indonésia tinha o objetivo de construir muitas escolas para que a malaia (língua oficial da Indonésia) fosse expandida em todo o território timorense e excluir a língua portuguesa do Timor. A restrição do português era considerado um dos principais fundamentos da ocupação indonésia em Timor Leste. A comunicação por meio da língua portuguesa foi totalmente proibida entre a sociedade timorense pelo exército indonésio.

Ao querer adotar o português como uma das suas línguas oficiais, o Timor parece querer se distanciar da identidade imposta pela indonésia no período da ocupação e, em simultâneo, enxergar no português um fator de libertação, já que esta era a língua usada pela resistência para se comunicar entre si, como me contou uma das entrevistadas. A busca por essa identidade passa pela decisão de se abrir para o mundo logo após a sua independência.

Nesse processo de internacionalização, tanto das políticas quanto da população timorense, se encaixa o cenário no qual se encontra a UNILAB. Uma universidade que está localizada em cidades do interior do nordeste do Brasil (Ceará e Bahia). As políticas de acolhimento e integração desses estudantes no município de Redenção, no estado do Ceará, não só por parte da instituição, mas também entre os moradores antigos da cidade e também

entre os estudantes do continente africano, além dos brasileiros. Um ambiente vasto para entender o processo de adaptação entre os novos integrantes na universidade e na cidade, como também a sociedade local recebe esses novos moradores.

3. REPRESENTANTES DE TIMOR LESTE NA UNILAB

A UNILAB é fruto de uma iniciativa que se sucedeu a partir de 2001 devido à política de atuação internacional do então governo brasileiro (Luís Inácio Lula da Silva). Com uma política de abertura a novos mercados e de construção de uma liderança regional, nesse período o Brasil passou a ampliar as políticas internacionais de cooperação científica e tecnológica. Segundo Krawczyk (2008), até então a maior parte das parcerias universitárias levadas a cabo pelo Brasil tradicionalmente eram feitas principalmente com a União Europeia. Ainda segundo o autor, a partir de 2001 a política externa do governo brasileiro foi estendida a outras regiões do mundo, isto é, a países como Índia, China e abertura às nações do continente africano; com uma especial atenção à América latina e aos países de língua portuguesa. Dessa iniciativa surgiram duas universidades já com o objetivo voltado para o cenário de parceria internacional e com propósitos específicos de integração internacional: a UNILAB e a UNILA.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), com sede em Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, que segundo a sua lei (nº 12.189/2010) tem por missão institucional formar recursos humanos para contribuir com o desenvolvimento regional e a integração latino-americana, especialmente com o Mercado Comum do Sul – Mercosul, (UNILA, Estatuto, 2021) é uma das iniciativas que mais se aproxima dos mesmos propósitos da UNILAB.

Uma das intenções da UNILAB é promover uma educação interdisciplinar, considerando as diferenças culturais que se apresentam na diversidade dos grupos que compõem a mesma. Sua originalidade se manifesta na proposta desafiadora de agrupar culturas distantes (ainda que próximas) através da ideia de integração, que se realiza por meio da cooperação entre vários setores. (UNILAB, Estatuto, 2013).

A universidade está situada em Redenção e Acarape, duas pequenas cidades localizadas a cerca de 60 Km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, na Região do Maciço de Baturité³. Esta região detém uma rica história vinculada aos povos indígenas e, a partir da

³ Região formada por treze municípios e limítrofe à Região da Grande Fortaleza (IPECE, 2015).

segunda metade do século XVII, com a intensificação da ocupação colonial, é também marcada pela presença de portugueses e de africanos escravizados (BASTOS, 2015; NASCIMENTO, SOUZA, CRUZ, 2010; SANTOS, MEDEIROS, SOUZA, 2012). Os dois municípios carregam o título de ser a primeira cidade do Brasil a abolir a escravidão, ainda em épocas em que compunham um único município.

Neste cenário, setenta e um (71) timorenses desembarcaram em 2011 para iniciar seus estudos na UNILAB. Segundo relatado nas entrevistas com os estudantes, dois alunos desistiram e retornaram ao país no primeiro ano de curso. Atualmente (2021) os timorenses são, ao todo, 09 estudantes, divididos em dois cursos, enfermagem e engenharia elétrica (UNILAB/2021). Um dado curioso é que nenhum dos timorenses esteve matriculado em cursos de ciências humanas, fato que mereceria pesquisa mais sistemática para ser melhor compreendido. Agronomia é o curso que mais tem/teve timorense matriculado, dado que detalharei mais à frente.

A idade dos timorenses no período (2017) em que foram entrevistados variava de 25 a 56 anos, sendo que a média era de 28,5 anos. Sendo que a estudante mais velha estava com mais de 56 anos. Ao entrevistá-la descobri que a mesma participara ativamente na resistência do Timor à ocupação da Indonésia. Quando pedi que ela se apresentasse e falasse um pouco sobre a sua vida, para conhecê-la melhor e entender as suas origens, ela disse:

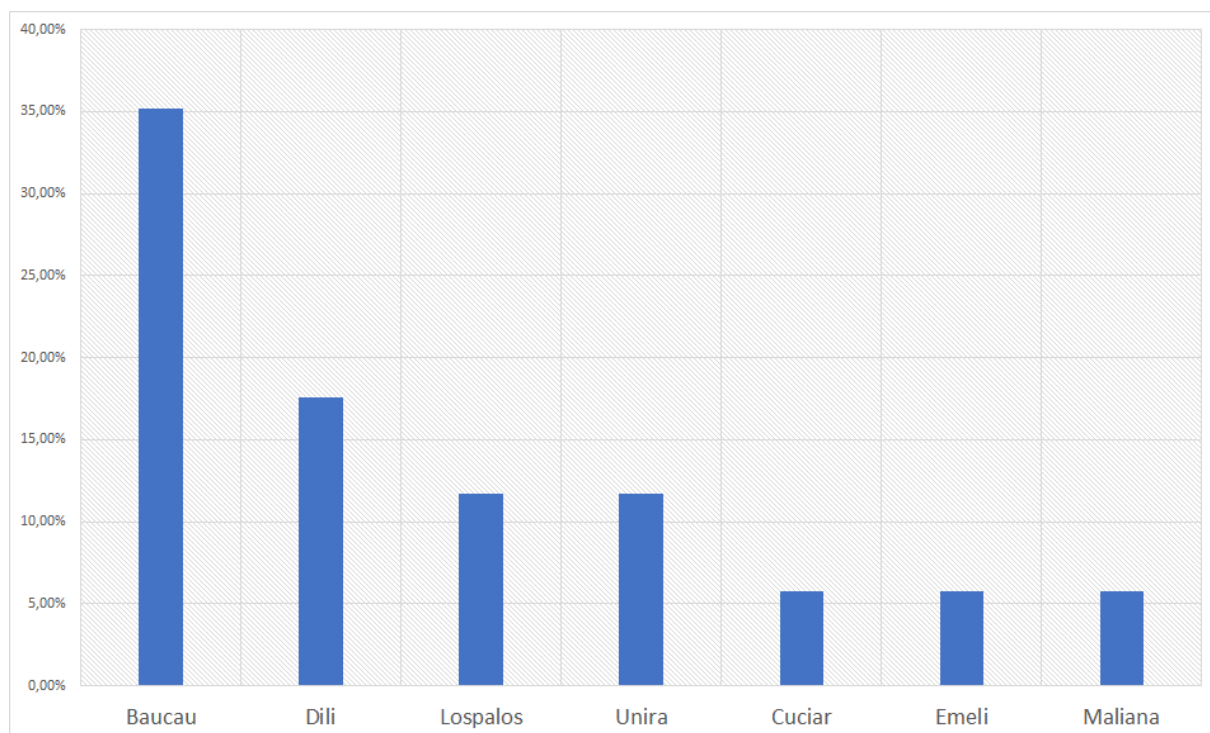
“A minha vida, na época, como já tenho muitos anos de vida, né, vou completar 56 anos, então a minha trajetória é ainda mais do que a dos jovens. Então, na minha infância, eu estudava num colégio particular, até quarta classe, colégio feminino, Oscar Ruas em Ossu, até quarta classe e depois fui para o primeiro ano, segundo ciclo, dali começou a guerra que aconteceu em meu país. A guerra era a revolução de tragos, de 25 abril, em Portugal, então Portugal decidiu liberar todos os países coloniais para serem independentes, então meu país também atravessou esse problema de guerra civil e dali a invasão aconteceu. Essa invasão durou 24 anos. Então dentro desses 24 anos eu sofri muito. Digo sofrer muito porque perdi meu pai, o meu pai foi assassinado, e minha mãe ficou viúva com cinco filhos, quatro mulheres e um único filho de dois anos, na época os órfãos e a viúva não tem como escapar das dificuldades e do sofrimento. Dali também batalhei, resisti, a procurar meu pai e seus irmãos e familiares que foram assassinados pelas tropas Indonésia, e eu enfrentei uma política clandestina, eu organizava a política clandestina para lutar pela independência, cabe alguns momentos em 1981, as tropas Indonésia descobriram e eu fui presa. Eu fui presa e eles me tiraram pra uma outra ilha, lá em Timor, o Timor tem duas ilhas, então eu fui presa em Atauro, quando cheguei lá, o meu marido já estava lá, porque ele também fazia parte de um grupo de clandestinos, e ele também se revoltou contra as tropas Indonésia, ele fez uns assaltos contra as tropas indonésias para defender a política da independência, e ele também foi preso, quando cheguei ele já estava lá. Então, como jovens, jovens juntos numa ilha, conseguimos conquistar e nós casamos, ali naquela ilha, tínhamos uma filha depois dali. Regressamos ao nosso local, a cidade de Dili, mas não moro na cidade de Dili, eu moro na serra de Dili. No Alto de Dili”. (Estudante e ex-guerrilheira timorense)

O que mais me chamou a atenção foi o fato de ela ainda ter a responsabilidade de continuar a ajudar o país, agora, estudando e se qualificando no Brasil, para ajudar a desenvolver o Timor Leste. Isso porque ela ainda se via a cumprir mais essa missão.

Como já mencionei anteriormente, não consegui obter o equilíbrio nos dados, no que diz respeito à igualdade no número de homens e mulheres. Devido ao fato dos homens serem mais abertos a falar do que as mulheres. Pessoalmente, senti muita dificuldade em convencer as timorenses a participarem do estudo. Sempre alegavam timidez ou excesso de ocupação. Ao contrário dos homens que eram mais acessíveis e até chamavam uns aos outros para participarem da pesquisa. Assim, no resultado há que se considerar que só consegui entrevistar 6 mulheres, tendo, contudo, entrevistado 22 homens.

Outro dado importante sobre esses estudantes é que a ampla maioria é solteira, havendo apenas uma entrevistada casada. Os estudantes de Timor Leste que estudaram/estudam na UNILAB vieram de várias cidades do país, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Em qual cidade você nasceu?



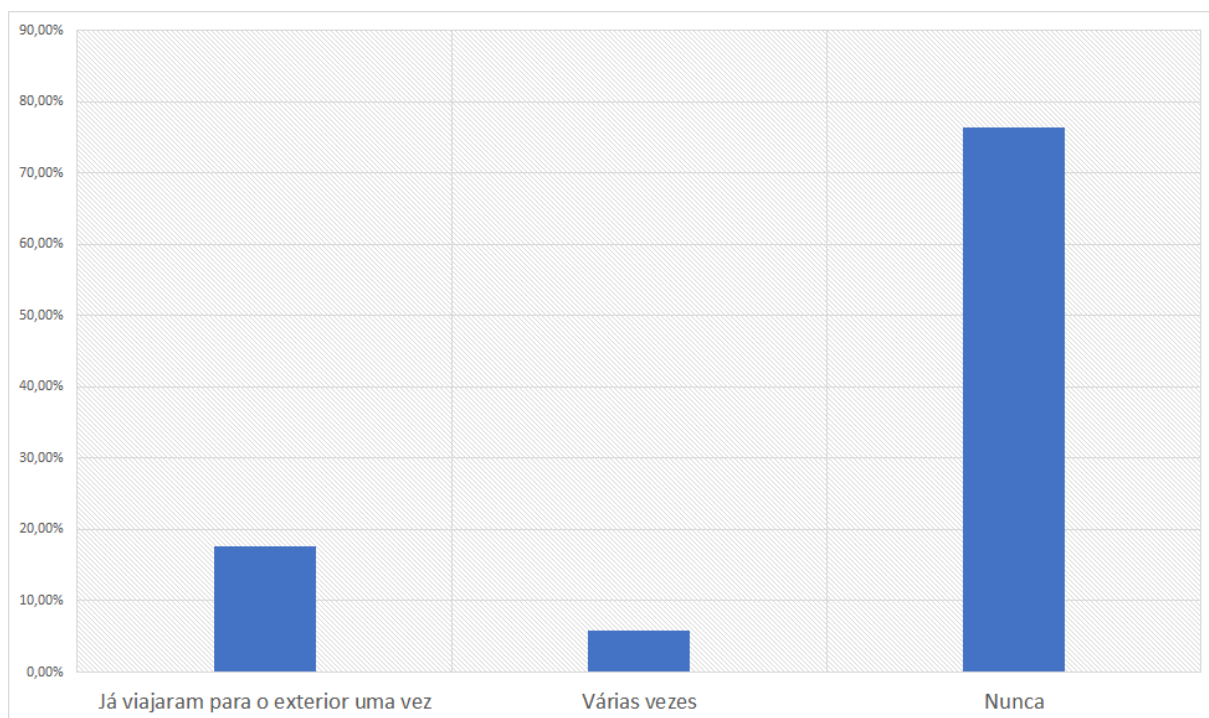
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

É importante considerar que, como o processo seletivo para estudar na UNILAB foi divulgado dentro da UNTL, todos os estudantes que vieram já estavam matriculados na instituição que está localizada em Díli, capital do Timor. Portanto, as cidades dos estudantes que vieram, servem apenas para ilustrar a origem dos mesmos. Infelizmente não é um dado que sirva para entendermos porque eles vêm dessas cidades e não das outras.

De modo geral, pode-se afirmar que os timorenses, no quesito origens sociais, é que a maioria disse ser de família humilde, sendo filhos de pequenos camponeses, ou seja, sem pertencer a vínculo de alto status socioeconômico e político.

A vinda dos estudantes timorenses para o Brasil ainda constitui seu início de experiência no contexto acadêmico. Da mesma forma, essa vinda representa a sua primeira viagem ao exterior, já que a maioria nunca havia feito viagem internacional, mesmo que só para turismo. Quando perguntei se já viajaram para o exterior alguma vez, por exemplo, a maioria respondeu que a vinda para estudar no Brasil era sua primeira viagem para fora do território de Timor Leste.

Gráfico 2: Já havia saído de Timor Leste antes?



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Esse dado reflete muito a condição social que todos descreveram, ao retratarem o seu

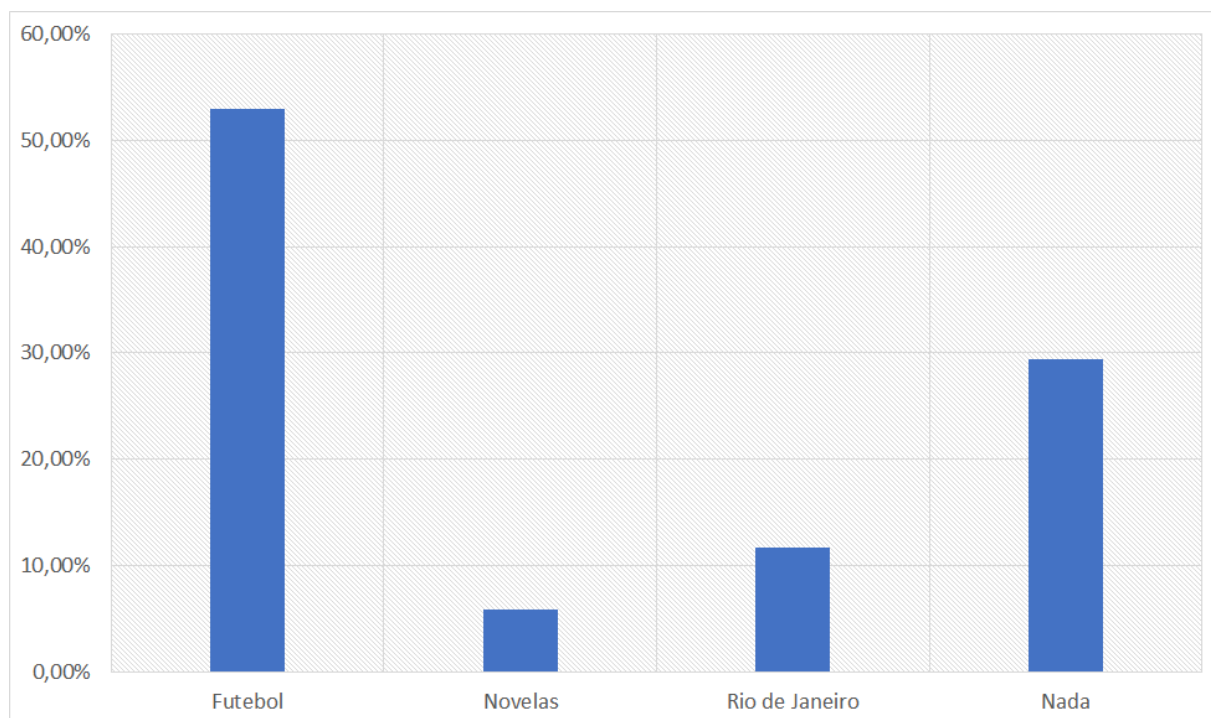
núcleo familiar que se reconheciam como pertencentes à família humilde e que aproveitaram a oportunidade da bolsa para vir estudar no Brasil. Como também os resquícios do país ter sofrido com a forte ocupação indonésia que não facilitava a saída da população. Daí, a vontade de abraçar a oportunidade de estudar no exterior, mesmo não tendo muita informação sobre o país de destino.

A pesquisa ainda indicou que os timorenses iniciaram o projeto pessoal, atrelados à oportunidade de estudar fora. Não necessariamente que fosse para o Brasil, mas que na sua trajetória e projetos de futuro, essa era uma oportunidade que não se poderia deixar passar. Tanto que a maioria dos entrevistados já iniciara seus estudos na universidade no Timor Leste e decidiram trocar não só de instituição, mas de país e a oportunidade de fazer intercâmbio. Aliás, a palavra que frequentemente foi repetida ao questionar os motivos de virem a estudar na UNILAB foi “oportunidade”, como se pode observar no depoimento reproduzido abaixo:

“Assim, pra viajar para um outro país era meu sonho mesmo, eu queria estudar em um outro país, qualquer país eu vou. Mas aqui no Brasil foi uma oportunidade que, eu já estudei na UNTL, é uma universidade nacional de Timor Leste, uma universidade pública, que eu estudei lá quase seis meses, um semestre, surgiu essa inscrição de bolsa de estudos do Brasil e o Timor tem uma cooperação, que a UNILAB tem cooperação com países da CPLP”. (Mulher estudante timorense, 25 anos).

Talvez o aparecimento dessa oportunidade repentina, e a pouca ou quase nenhuma experiência internacional, expliquem o fato da maioria dos estudantes entrevistados saberem pouco sobre o país para onde migraria. Quando perguntei o que sabiam sobre o Brasil antes de desembarcarem, as respostas não fugiram dos clichês.

Gráfico 3: O que sabia do Brasil?



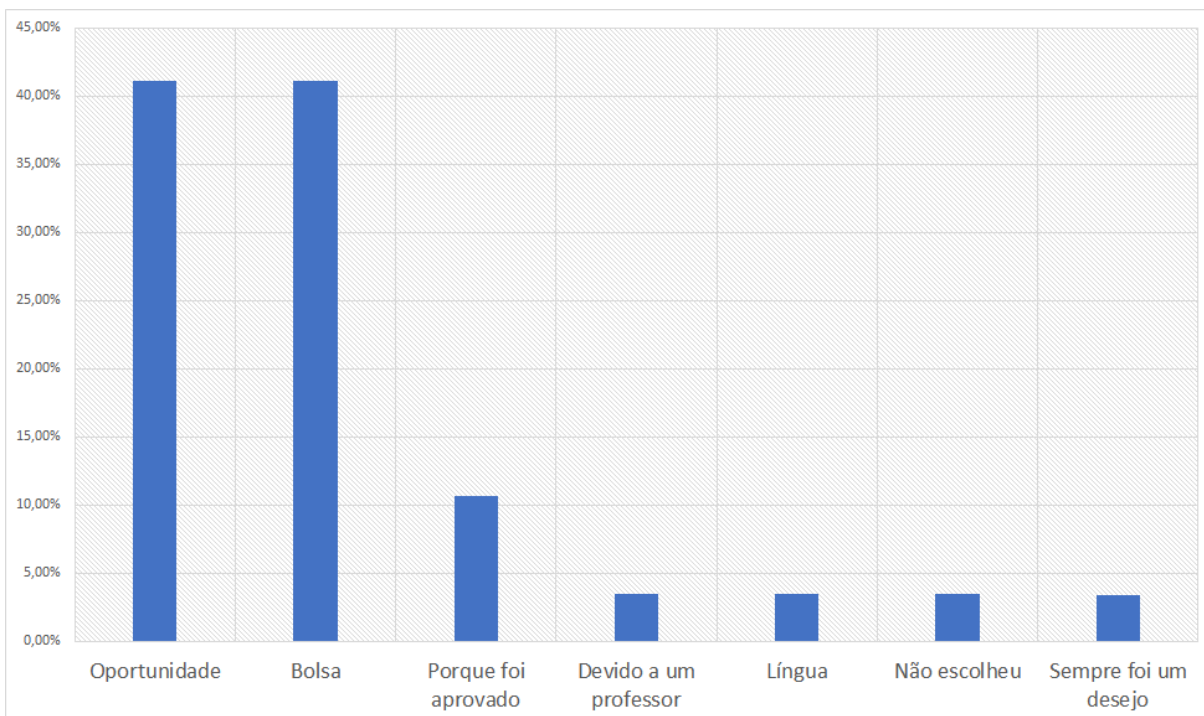
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Os estereótipos que caracterizam o brasileiro ficaram bem visíveis nesses dados. Na minha percepção, a maior responsável por reforçar essas imagens é a televisão, associada à difusão das empresas de turismo que divulgam tais estereótipos através dos veículos de comunicação. Isso aparece de forma bem evidente na fala de um estudante entrevistado:

“Eu imaginava..., a gente não sabia como funcionava o Brasil, mas a mídia tem muita vantagem para se informar como funciona o país, então a gente vê o Brasil através da mídia, o que a mídia nos mostra é, quando a gente assistia tv, o Brasil mostra que é um país de samba, o futebol... Eles colocam imagens só que são do estado do Rio de Janeiro, então a gente mais conhece que o Brasil é o país do Cristo Redentor. E a gente só conhece esse daqui”. (Estudante timorense, 25 anos)

Com base nas respostas do gráfico anterior, questionei o que os trouxera até o território brasileiro, considerando que a maioria respondeu por conhecer somente o futebol ou mesmo nada a respeito. As respostas foram bem variadas, porém, o fato de ter ganhado a bolsa e a oportunidade que ela representava foi a principal motivação.

Gráfico 4: Por que escolheu o Brasil para estudar?



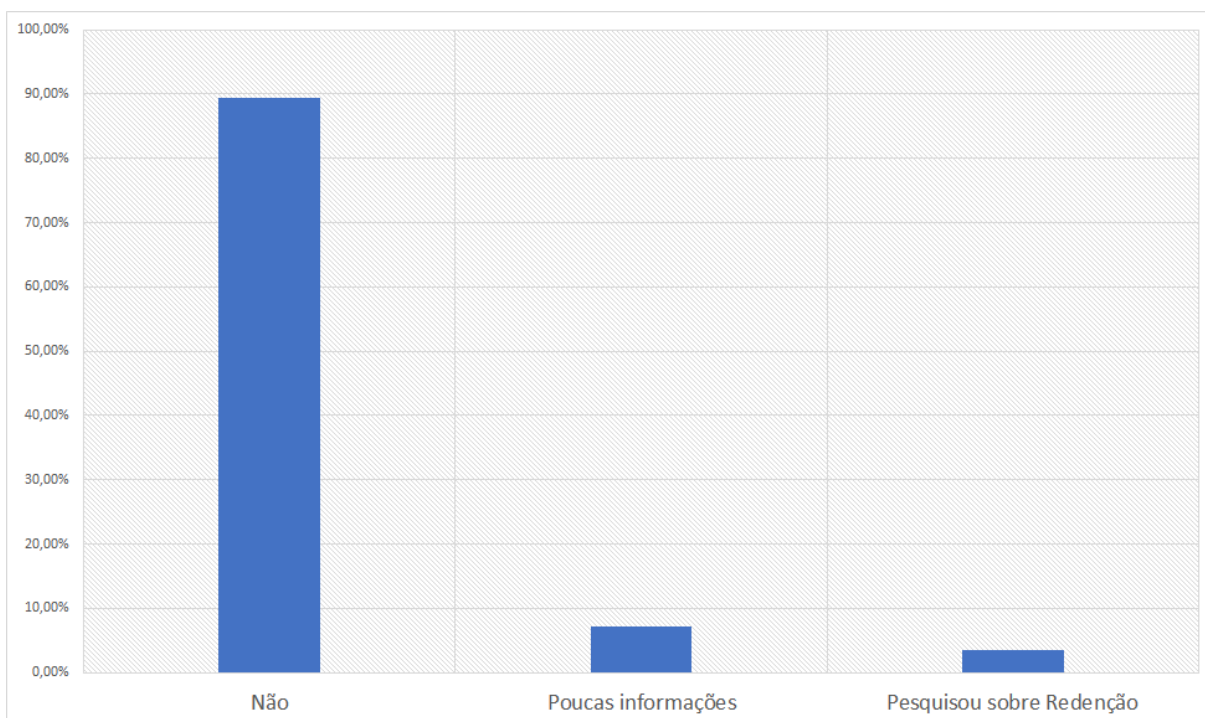
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Novamente a palavra *oportunidade* aparece como principal motivo para terem se aventurado a vir estudar na UNILAB.

Aliás, durante a entrevista percebi que para os timorenses, vir estudar no Brasil representava, além da oportunidade de estudar no exterior, também a confiança e a responsabilidade de adquirir conhecimento para retornar ao país e aplicá-lo e assim desenvolver o Timor. A palavra *desenvolvimento* eu ouvi em absolutamente todas as entrevistas. Isso me lembrou muito o episódio do primeiro trem na China, quando o país, durante a Revolução Cultural, decidiu tornar a educação uma prioridade de Estado e até hoje os alunos da geração de 77 são relacionados com o sentimento de experiência, trabalho duro e forte sentido de responsabilidade ou que pertence ao “primeiro trem” (MacFarquhar et al, 1992). Fazendo uma relação com esse trecho da história da China, a impressão que eu tive nas entrevistas foi o sentimento dos timorenses, que eles queriam ser o “primeiro trem” do Timor Leste.

Quando se vai para um país, normalmente se tem a curiosidade de pesquisar sobre ele, principalmente sobre a nova cidade onde irá morar. Nessa pesquisa constatei que a ampla maioria dos timorenses não teve a iniciativa de pesquisar sobre Redenção, a cidade aonde eles iriam morar.

Gráfico 5: E de Redenção, pesquisou sobre a cidade?



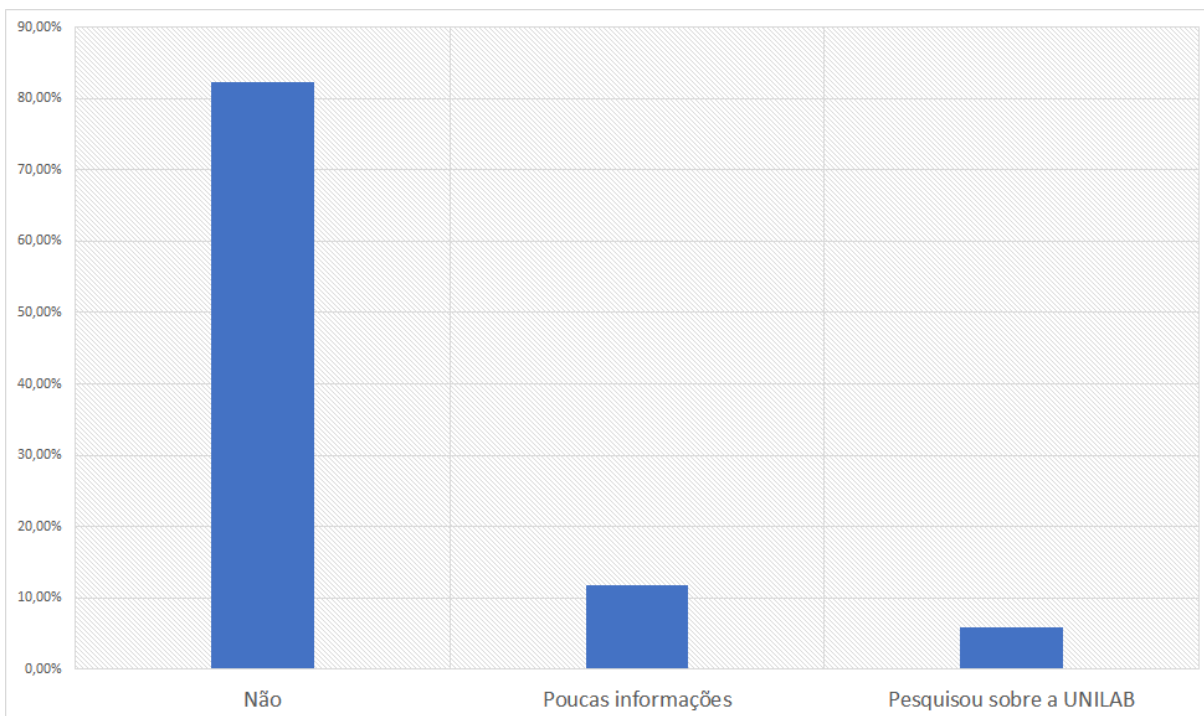
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Segundo os depoimentos, é possível notar que os timorenses foram enganados com imagens falsas da cidade de Redenção. Lhes foram mostradas fotografias de Fortaleza como se fosse de Redenção. O que representou uma surpresa a mais, já que a paisagem que encontraram não correspondia ao imaginado:

“Quando chegava aqui, ahhh... então não é aquilo que ensinava, né? que era uma cidade grande, com casa que num tem muitos prédios, mas não tem como a gente mudar, que não quer participar dessa oportunidade. Então comecei a estudar, estudar e se tornou a Redenção como uma cidade maravilha pra mim também. Mesmo que tenha muito essas dificuldades de enfrentar tem muita situação que se torna, quando a gente volta pro país sempre vai ter saudade de Redenção”. (Estudante timorense, 26 anos)

A falta de curiosidade se repete também em relação à universidade que iriam estudar. A ampla maioria não buscou saber sobre a instituição de ensino, conforme revela o Quadro a seguir.

Gráfico 6: Buscou saber sobre a UNILAB?



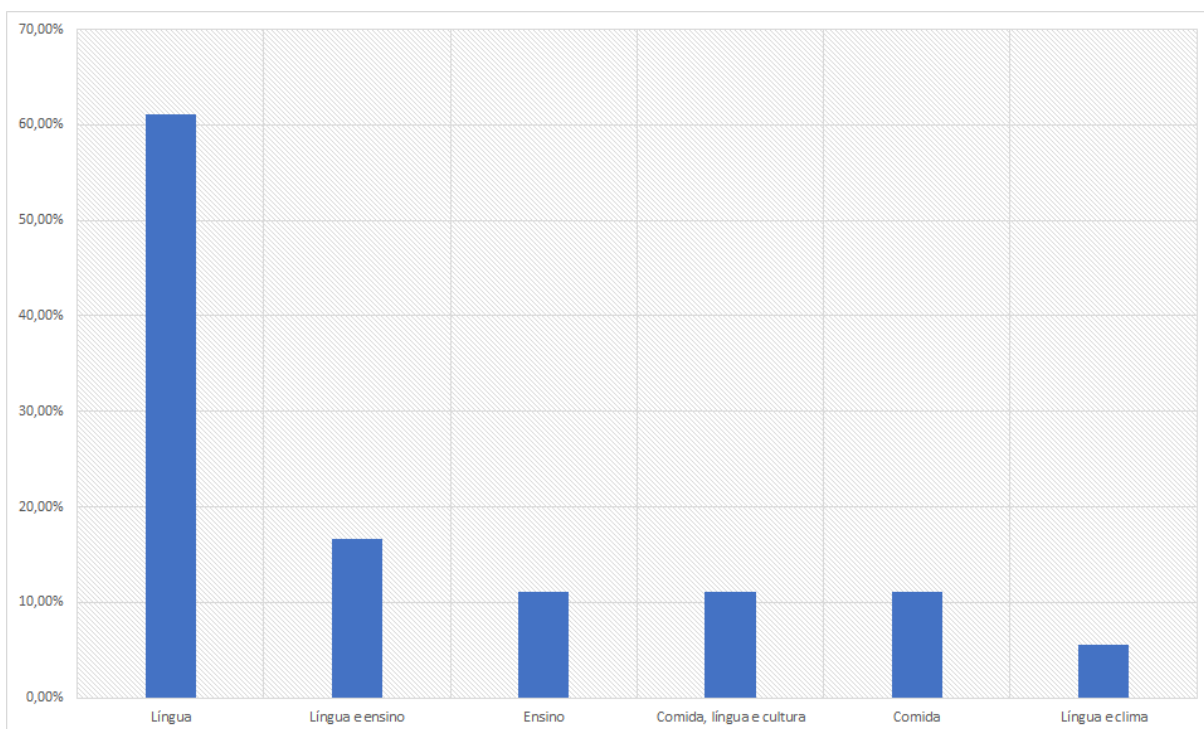
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Aqui, novamente aparece o fato de terem sido exibidas imagens que não só não correspondiam com Redenção, como também da UNILAB. Alguns estudantes, por exemplo, me relataram que viram fotos da UFC como se fossem da UNILAB:

“O que eu imaginei foi que, eles foram lá e mostraram umas imagens legal, eu pensava que era na época da chuva, sei lá, eles mostraram uma universidade bem legal e a gente pensava que era maravilhoso. Quando chega aqui, pra sair de Fortaleza pra cá, nunca chega aqui. Cadê UNILAB!? Agora já se acostumou aqui na UNILAB”. (Estudante timorense, 25).

O total desconhecimento sobre a universidade, a cidade e seu entorno, com também a propaganda enganosa sobre o país, talvez explique as dificuldades de adaptação. E nesse processo, a língua também representa uma das grandes dificuldades, mesmo que se trate do Português:

Gráfico 7: O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Ao que parece, a dificuldade com a língua pode ser reflexo que no Timor o Português aprendido antes de viajarem foi o de Portugal e não o do Brasil, como explica um estudante:

“Dificuldade assim, dificuldade quando eu cheguei, principalmente na turma, no tempo de fazer trabalhos em grupo, eu acrescento algumas frases e eles me respondem assim, “não entendi o que a senhora falou!” eu fiquei assim, tão triste e fiquei pensando assim, vala meu deus! Essa português que eu aprendi desde infância, o meu pai e seu irmão proibem que eu não posso falar o meu dialeto, todos os dias em casa eu falo português, eu só dei uma pausa de 24 anos que o português era proibido, mas todas as cartas, as cartas que eu escrevia e a comunicação da resistência a gente se comunica[va] com língua portuguesa como é que esse português que eu falo uma pequena frase e a pessoa não me entende?! Ai então, fico triste quando a noite volto pra casa, eu dormi em cima de um coxão e pensei assim “meu deus, por que que eu hoje eu falei isso e essa pessoa não me entende?” O que se passa comigo?! E daí passa uns trinta minutos e eu penso “não. É com adversidade, adversidade cultural, e as pessoas não são iguais”. Temos diferentes características e diferentes entendimentos então isso vai passar, alguns meses, alguns anos eles vão me entender”. (Estudante timorense, 56 anos)

Então perguntei como souberam do processo seletivo da UNILAB, já que não sabiam sobre a universidade, as respostas foram unânimes (100%), de que ouviram da seleção na Universidade Nacional do Timor Leste (UNTL):

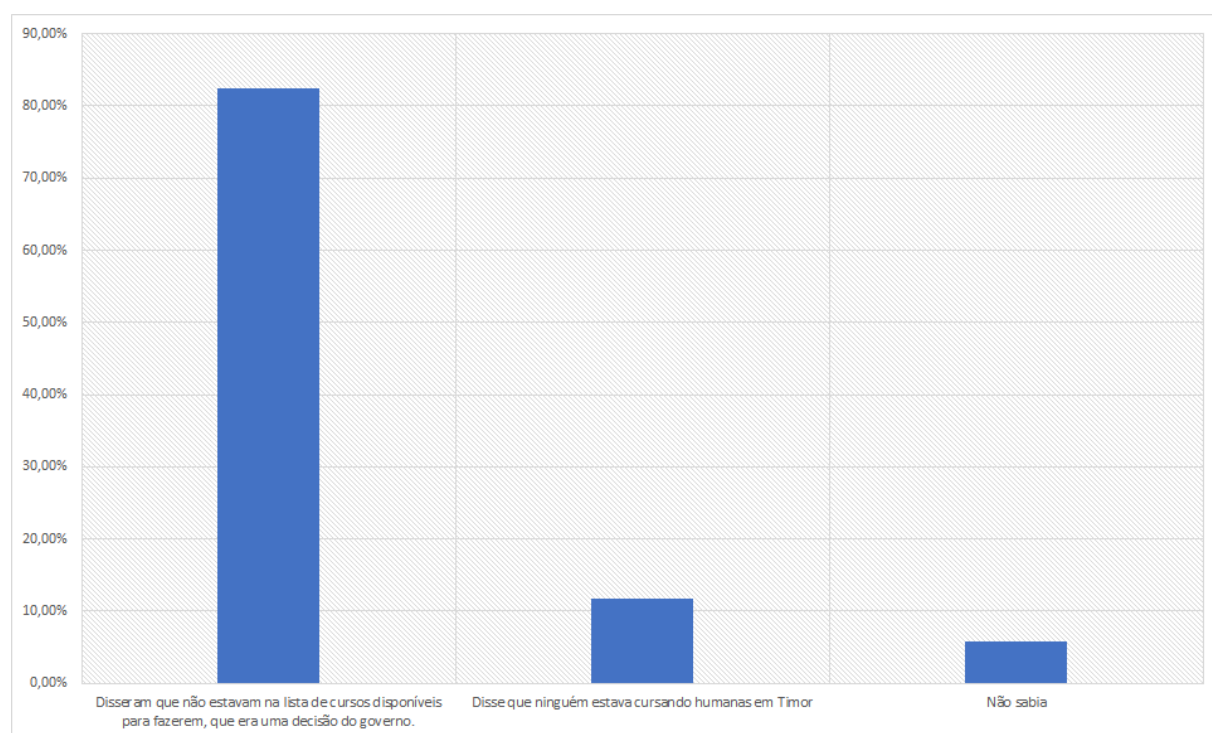
“O ingresso de entrada na UNILAB, isso através daquele momento onde o Ministério da Educação de Timor, eles disponibilizam a vaga pra estudar na UNILAB, essa disponibilidade eles só oferecem a partir da universidade federal de Timor e, que é a única universidade lá que eles oferecem. Então é a partir desse momento que eles oferecem essa oportunidade pra gente e pra gente fazer a matrícula, se cadastrar e

depois eles fazem a seleção pra gente, então naquele momento a gente já entra nesse processo de seleção dos estudantes estrangeiros". (Estudante timorense, 25 anos)

Aliás, curiosamente todos que vieram estudar na UNILAB já estavam estudando na UNTL. Nenhum saiu do ensino médio para a universidade brasileira, apenas trocaram de instituições de ensino superior. Não houve transferência e sim, troca. Alguns, inclusive, decidiram cursar na UNILAB a mesma graduação que estavam fazendo no Timor Leste. Conforme já foi dito, um destaque curioso sobre os alunos timorenses é que nenhum está matriculado nos cursos de humanas.

Nas entrevistas perguntei sobre o fato de não ter ninguém na área de humanas e se eles sabiam a resposta para esse fato.

Gráfico 8: De 69 timorenses estudando na UNILAB nenhum está matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?



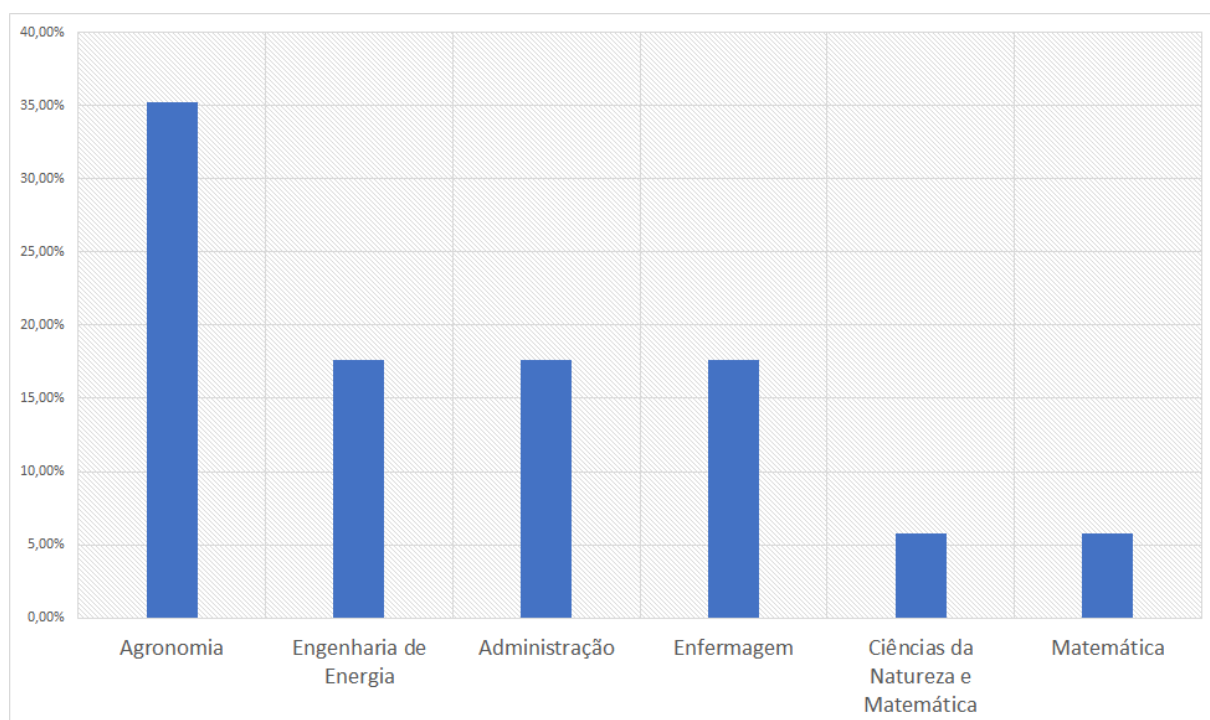
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

De acordo com as respostas, os cursos de humanas não estavam disponíveis na lista disponibilizada pelo governo timorense. Ao que parece foi porque a UNILAB ainda não iniciou as turmas da respectiva área. Sobre a situação, houve quem explicasse da seguinte forma:

“Olha, na verdade, quando a gente chega aqui, a única, os cursos que ainda estavam aqui, a partir da nossa chegada são cinco cursos que ainda estavam aqui. A partir disso, que a gente começava a estudar nesses cursos, o estado, ele divide as pessoas para cada curso, dez pessoas pra cada curso, dez pra agronomia, dez pra administração, dez pra ciência da natureza e matemática, naquele período em 2012, porque naquele momento a universidade só tem cinco cursos. Então BHU ainda não existia naquele momento. Por isso que a gente se dividiu nesses daqui. Aí depois que chega aqui que eles começam a abrir esses cursos, a gente começou a estudar e depois a universidade começou a abrir. Agora é que a gente não consegue entrar, né, em nenhum curso de Letras, BHU, é a gente não consegue. Mas ouvi falar que vão vir mais, acho que eles vão dividir pra esses cursos, né. Para ter alguma porcentagem”. (Estudante timorense, 25 anos)

Considerando o fato de ainda não haver nenhum curso de humanas quando esses estudantes chegaram na UNILAB, os cursos que os timorenses se matricularam foram, preferencialmente, de exatas e saúde:

Gráfico 9: Qual seu curso?



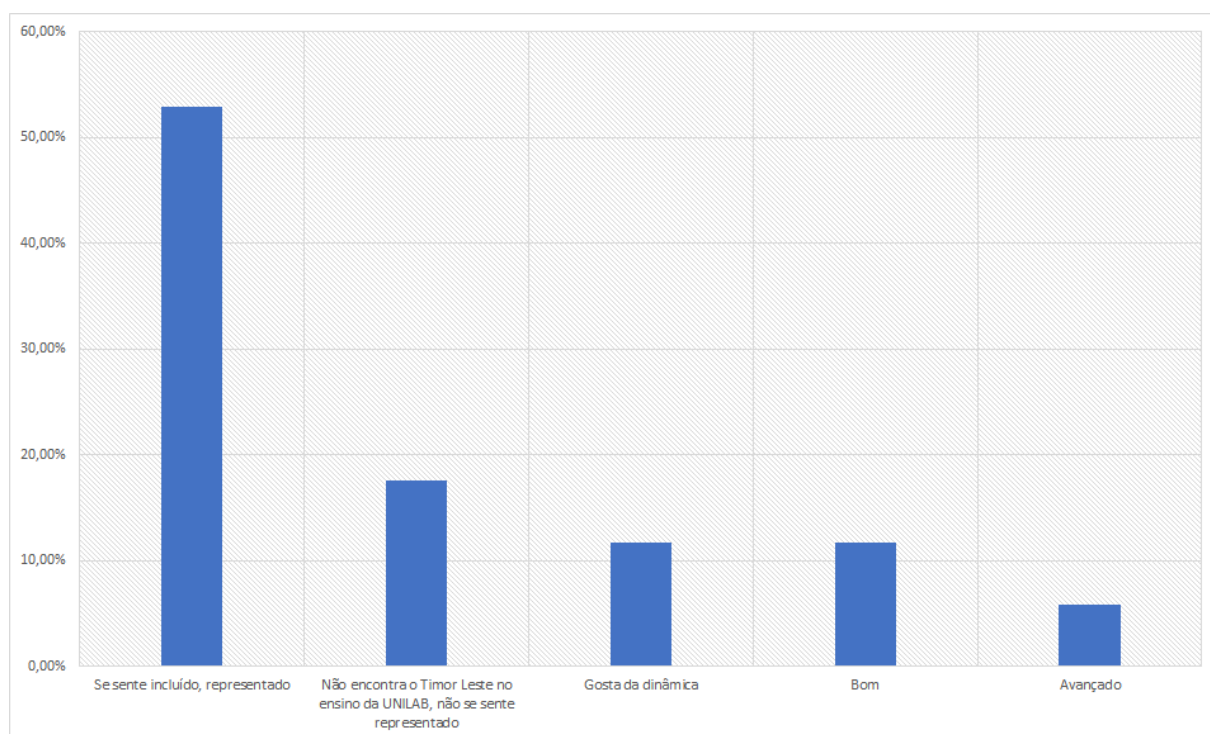
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

A vinda desses universitários para o Brasil é financiada pelo governo timorense, como eles próprios me disseram nas entrevistas. Eles ainda explicam que geralmente era oferecida uma lista de cursos para que escolhessem. Alguns, então, fizeram suas escolhas considerando somente a oportunidade de estudar no exterior e não de acordo com a sua área de real interesse.

“Eu..., era... No início eu não gosto, eu não desejo, mas por um motivo que era preciso estudar; precisa estudar a área porque o país precisa muito do pessoal da administração pública, então eu tenho que me preparar para contribuir com o estado através desse curso. No primeiro é muito difícil, né, a minha opção eu não gosto, mas a partir do momento que a gente estuda como é o processo de administração pública, me atraiu essa lição, esse curso, e até agora eu gosto muito do curso. É um curso que não só simplesmente a administração empresarial, mas administração pública. Então é muito interessante para o estado, principalmente Timor leste que está construindo, né”. (Estudante timorense, 25 anos)

A respeito da experiência desses estudantes em sala de aula e nos seus respectivos cursos, quis saber o que pensavam sobre o ensino na UNILAB, e se eles sentiam incluídos:

Gráfico 10: O que pensa sobre o ensino da UNILAB?



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

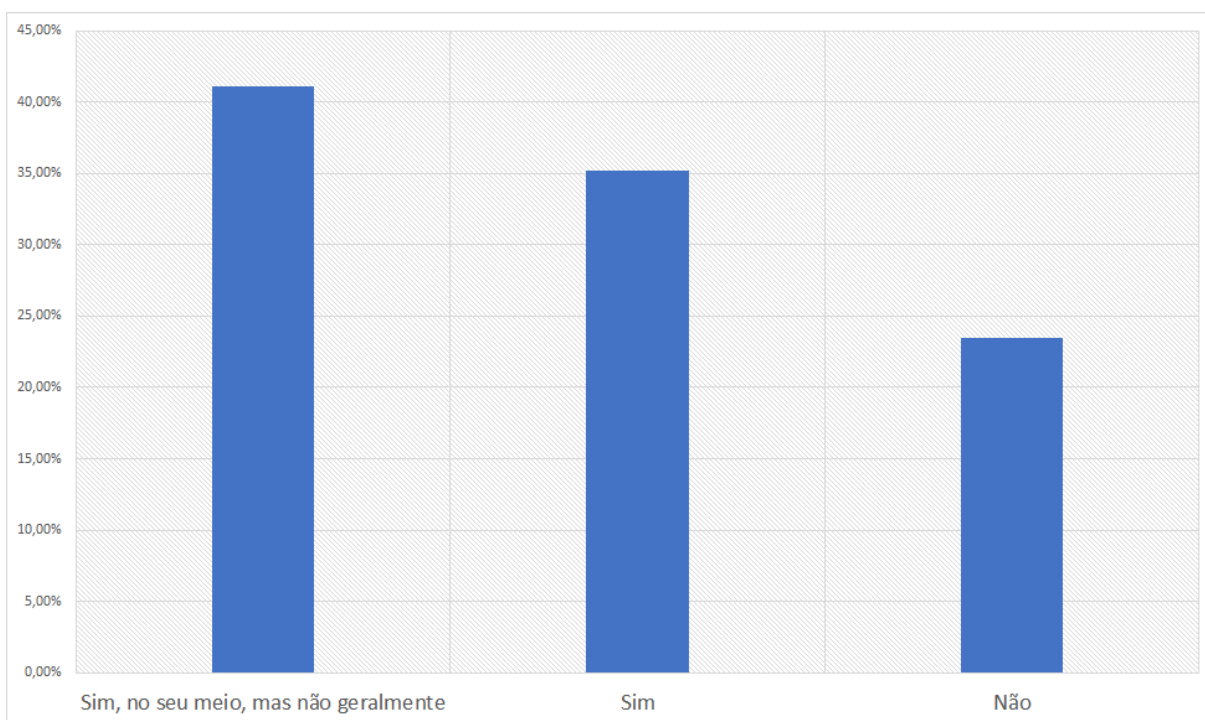
A pesquisa revelou também que a imensa maioria dos estudantes timorenses aprova o ensino praticado na UNILAB. O que significa que os profissionais da instituição têm adotado metodologia assertiva para o ensino e aprendizagem dessa população:

“Eu muito gratificado, né, porque o ensino da universidade, principalmente da UNILAB que é uma universidade pública federal, então o ensino é muito interessante, a gente estuda os conteúdos que necessitamos muito pra desenvolver, como funciona os recursos humanos na administração pública. O ensino como todos os cursos, o ensino é muito gratificante, de muito valor pra nossa formação. O ensino é muito vantajoso pra gente”. (Estudante timorense, 26 anos)

Em relação ao ensino da UNILAB, percebi algo inconstante nas respostas, já que

enquanto afirmavam se sentir representados, os estudantes também afirmavam sentirem falta do Timor Leste, no debate em sala de aula e nos eventos realizados no âmbito da universidade. E, como a UNILAB tem o foco de ser uma universidade da integração entre seus países parceiros, eu quis saber se eles sentiam integração no seu dia a dia.

Gráfico 11: A integração acontece na UNILAB?



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados coletados.

O meu questionamento sobre a integração pareceu ser a pergunta mais desafiadora durante a pesquisa, pois nessa hora era muito evidente que os timorenses tinham uma grande necessidade de me agradar na resposta:

“Eu não sei se a integração acontece aqui na UNILAB. Eu sei que eu me integro. Porque eu já tinha, meu ex-namorado é caboverdiano, eu tenho muitos amigos guineenses, tenho muitos amigos brasileiros, tenho muitos amigos de São Tomé, Moçambique, Angola também, acho assim, eu só mais, tipo, quando me chama não chama de timorense, chama de angolana moçambicana porque muitas pessoas me confundem ser uma timorense não porque eu ando assim, mais misturado com todo mundo, eu tenho amigos brasileiros também, então o sistema integração na UNILAB eu não sei mas eu me integro”. (Estudante timorense, 26 anos)

Quando eu perguntava sobre a sensação de integração na UNILAB a resposta direta era que de fato havia, mas no desenvolvimento dela já encontrava outra resposta que quase

sempre era contraditória à primeira:

“Aqui na UNILAB, o título [...] é universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, mas na minha visão estou vendo que essa lusofonia está excluída. [...] Como é que essa universidade vai encarar essa lusofonia? Mesmo que a política do projeto era pra juntar estudantes, os jovens da África e Brasil em relação a história... nós vi[nhe]mos também. Mas vamos ver que a palavra lusofonia, integração, internacional e lusofonia identifica todos os países que falam a língua portuguesa, aqui na UNILAB só tem professores, tem professores de Portugal mas também professores... Mas não tem estudantes de Portugal, menos estudantes de Portugal que não vem pra UNILAB. Mas aqui estamos sete países, então a minha crítica, sempre vem na minha cabeça que qualquer atividade pode encaixar, pode integrar timorenses dentro dessas atividades. Mas eu vejo, porque eu vejo, né, dentro dessa semana, eles abriram o festival das culturas, e cadê os timorenses? E às vezes nas festas eles vêm que eu apareço então eles fazem... A conversa dele é que África, Brasil de repente Timor aparece. Porque eu estudo lá, não é?! [...] Quando não estou lá, o Timor Leste é excluído. É por isso que eu sempre penso, deveria ser a nossa fala, deveria ser os apresentadores, deveriam apresentar uma atividade, poderia citar assim, universidade da integração internacional lusofonia afro brasileira, afro brasileira porque tem uma descendência afro que venham e essa descendência dominou aqui no Brasil. Por razão de quê, dos portugueses que abriu essa descendência. Mas [a] lusofonia engloba nós oito. Os países que falam a língua portuguesa então quer dizer que essa universidade é da CPLP, então vamos falar da comunidade de língua portuguesa. A comunidade dos países de língua portuguesa. Não podemos identificar só afro brasileira”. (Estudante timorense, 56 anos)

Os dados ainda revelam uma mistura de falta de preparo dos estudantes para morar no Brasil, o que acarretou em mais dificuldades de adaptação. Mas também houve ações deliberadas que informaram de maneira equivocada sobre a universidade e a cidade aonde iriam morar. Portanto, de certa forma, essa população foi ludibriada para atraí-la a virem estudar na UNILAB. O que pode estar por trás disso é o que se deveria pesquisar melhor.

4. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa questionei se, na opinião desses estudantes, a UNILAB está preparada para receber estudantes de países que não são do continente africano, considerando que a instituição está focada em toda a lusofonia. O processo de elaboração da grade curricular visava desconstruir os estereótipos da história dos países africanos, mas que resultou numa espécie de favorecimento aos estudantes do continente. Entretanto, isso também acarretou um desequilíbrio no tratamento acadêmico relacionado aos timorenses. Portanto, é perceptível a desarmonia em relação à temática de outros grupos. E, considerando que no nome da universidade está “da lusofonia afro-brasileira”, tornou-se um mantra na instituição dar uma especial atenção aos estudantes do continente africano, excluindo-se, portanto, os timorenses.

Uma das propostas da instituição é ter na sua comunidade universitária uma porcentagem meio a meio de ingressantes, isto é, metade de alunos internacionais e metade de brasileiros. Se já é complicado uma integração de pessoas de uma mesma região, o que esperar de uma comunidade composta por sete países que possuem em comum a língua portuguesa, mas que, mesmo com esse fator comum, se mostram resistentes (aqui cabe muita discussão sobre "resistência" já que a instituição nega ou ameniza o atrito entre os grupos) umas às outras?

A vantagem de se acolher e integrar vários grupos, de diferentes lugares do globo, é fazê-los usar de forma colaborativa os mesmos espaços e recursos para compartilhar, consumir e produzir conhecimento. É um trabalho perpétuo de desafios, visto que um grupo maior e aparentemente melhor estruturado domina os espaços, tempo, atenção, etc., o que termina resultando na supressão de grupos menores.

A integração cultural dos grupos na assimilação completa da cultura de cada país parceiro pode conseguir que esse desequilíbrio seja amenizado. Dessa forma, os grupos antes isolados se unem aos outros, o mais forte ajuda o mais fraco. Criando uma espécie de cultura da participação, usando os meios que a UNILAB tem para fazer a diferença na região do mácio.

O grande problema deste grupo que se encontra na UNILAB atualmente, é que eles não têm como se atualizar das mudanças ocorridas em seu país enquanto sociedade. Os contatos que fazem por meio da tecnologia se dão mais para saberem como a família e amigos mais próximos estão passando. Mas, com relação às mudanças culturais e sociológicas, estão totalmente privadas. E isso acontece pelo fato de que os timorenses, ao contrário dos outros estudantes dos países parceiros da UNILAB, não ingressam novos grupos a cada ano. Para ter uma ideia, o grupo que está presente na instituição se encontra ali desde 2012. Isso pode originar um estranhamento quando esse grupo retornar ao seu país e não reconhecer as mudanças ocorridas enquanto estava fora. Caso isso aconteça, conseqüentemente se tornarão estrangeiros em seu próprio país. Tudo porque as lembranças que tinham de sua sociedade ainda são aquelas em que viviam enquanto moravam por lá.

Portanto, não acompanham as mudanças que ocorrem normalmente em qualquer sociedade, considerando que não são atualizadas destas mudanças. Nas entrevistas, percebi que os timorenses têm a sua opinião crítica em relação às dificuldades a que estão sujeitos, mas preferem guardar para si com o receio de magoar o povo que os receberam. Nesse sentido, a subjetividade acompanha os dados dessa pesquisa sobre o que eles pensam sobre a estada no Brasil. Ainda mais pelo fato de eu ser brasileira.

As lições que se pode tirar da situação desse grupo na universidade são: primeiro não abusar da confiança dos timorenses e serem verdadeiros com a localização da UNILAB que fica numa cidade do interior do Ceará e que a instituição ainda é nova e tem seus desafios em infraestrutura. Segundo, que a universidade nem sempre tem conseguido promover a democracia de espaço no que representa Timor. Os cursos de humanas muitas vezes deixam de abordar o Timor Leste por não haver nenhum estudante do país presente em sala de aula. Algo que poderia ser repensado para um melhor acolhimento, pois não só o timorense não conhecia o Brasil, o brasileiro também não conhece o Timor Leste. É uma ignorância mútua.

Atualmente não tem previsão de entrada de novos estudantes timorenses na instituição. Não há um motivo muito claro para isso. A previsão é que quando os nove restantes aqui concluírem seus estudos, não havendo entrada de novos alunos, a representação de Timor Leste na UNILAB se encerre. Portanto, isso seria o fim da cooperação entre os dois países através da Universidade. Com esse desfecho, a universidade terá a oportunidade de rever sua prática de cooperação, abrir as portas para o país asiático novamente ou focar de vez somente nos países do continente africano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, ZYGMUNT. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Zahar, f. 164. 328 p.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 12.189, DE 12 DE JANEIRO DE 2010**.: dispõe sobre a criação da universidade federal da integração latino-americana - unila e dá outras providências. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências.. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112189.htm. Acesso em: 11 mar. 2021.

CASSIANI, Suzani; VON LINSINGEN, Irlan; LUNARDI, Graziela. Enfocando a formação de professores de ciências no Timor-Leste. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 189-208, set. 2012. ISSN 1982-5153. Disponível em: <<https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37719>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CORTES, Fernanda da Costa. Estudantes leste-timorenses no Brasil: notas sobre trajetórias sociais e reprodução de elites. **Revista de Antropologia Vivência**, Natal, v. 1, n. 46, p. 181-194, 9 mar. 2016. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8786/6266>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CUNHA, Luís Miguel Pinheiro da. **O impacto da cultura e sociedade europeias em Timor Leste**: aspectos de transculturação e de globalização. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cultura e Sociedade na Europa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9920/1/ulfl139262_tm.pdf. Acesso em: 9 dez. 2020.

DIÓGENES, Camila Gomes; AGUIAR, José Reginaldo (org.). **UNILAB**: : caminhos e desafios acadêmicos da cooperação sul-sul / universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira. Redenção: Unilab, 2013. 120 p. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

DNE TIMOR LESTE. . **TIMOR-LESTE EM NÚMEROS, 2009**. 2009. Disponível em: http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2013/12/Timor_Leste_20in_20Figures_2009.pdf. Acesso em: 11 dez. 2020.

DURAND, Frédéric. **Timor: 1250 – 2005**: 750 ans de cartographie et de voyages. Thailande: Arkuiris / Irasec, 2006.

F. de SOUSA, Auriane. **Documentário**: adaptação é uma questão de cultura. 2017. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidade e Letras da

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, Redenção, 2017.

FERNANDES, Moisés Silva. 2007. **A Preponderância dos Factores Exógenos na Rejeição do Plano Português de Descolonização para Timor-Leste, 1974-1975**. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Disponível em: http://cultura.gov.tl/sites/default/files/MFernandes_Preponderancia_dos_factores_exogenos_2007.pdf. Acesso em 20 dez 2020.

GAGLIATO, Marcio. **Timor-Leste e a ocupação Indonésia: a religião como operador de resistência**. 2008. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Puc-Sp, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17300>. Acesso em: 08 mar. 2021.

GOMES, Antonio. **Qualidade de Ensino: uma análise da política de educação básica do timor leste**. 2017. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração Pública, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1034>. Acesso em: 25 jan. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2011.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HORTA, José Ramos. **História de Timor-Leste**. 2014. Disponível em <http://ramoshorta.com/historia-de-timor-leste/>. Acesso em 12 dez 2020

IORIO, Juliana Chatti; NOGUEIRA, Silvia Garcia. O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. **Remhu: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 27, n. 56, p. 197-215, ago. 2019. Quadrimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880005611>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/remhu/v27n56/2237-9843-remhu-27-56-197.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de sociologia: Guia prático da linguagem sociológica**. Zahar, v. 2, f. 157, 1997. 314 p.

KRAWCZYK, Nora Rut. As Políticas de Internacionalização das Universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. **Jornal de Políticas Educacionais**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 41-52, 31 dez. 2008. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v2i4.15027>.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 97 p.

LEITE, Sofia. **50 anos de Notícias - 1991, Massacre de Santa Cruz**. 2007. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/massacre-cemiterio-santa-cruz-timor/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

Mapa do Mundo: Timor Leste Mapa. Timor Leste Mapa. 2014. Disponível em: <https://pt.mapsofworld.com/timor-leste/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

MACFARQUHAR, Roderick y Fairbank, John King (editores): **The Cambridge History of China Volume 15, Revolutions Within the Chinese Revolution, 1966-82**, Cambridge University Press, Cambridge, 1992

MARÇAL, Mario da Costa. Desenvolvimento para o Timor-Leste: uma análise da política industrial. 2017. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração Pública, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1061> Acesso em: 20 dez. 2020.

NINER, Sara. Xanana. **Líder da luta pela independência de Timor-Leste**. Alfragide: Dom Quixote, 2011

PIRES, Rui Pena. O problema da integração Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 24, n. 24, p. 55-87, jul. 2012. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

UNILAB. **UNILAB em números**. 2017. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>. Acesso em: 25 jul. 2017.

ROWLAND, Ian. **Timor**: world bibliographical series. Oxford: Clio Press, 1992.

ROCHA, Luciene Mágda Lima. **Ecoturismo**: uma oportunidade de desenvolvimento no Timor Leste. 2007. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão de Negócios em Turismo, Universidade de Brasília - Unb, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/195>. Acesso em: 08 mar. 2021.

RIZZI, Kamilla R.. **A construção do Estado no Timor-Leste**: colonização, ocupação e independência.. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, Universidade de Brasília - Unb, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15394/1/2013_ValeriaTeixeiraGraziano.pdf. Acesso em: 08 set. 2020.

SILVEIRA, Alexandre Cohn da. O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA NA COMPOSIÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA EM TIMOR-LESTE: o papel da língua portuguesa na composição de subsídios para uma discussão político-linguística sobre

lusofonia. - **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, p. 43-63, jan. 2017. Trimestral. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewFile/5968/3556>. Acesso em: 11 mar. 2021.

SOUSA, Ivo Carneiro de. The Portuguese Colonization and the Problem of East Timorese Nationalism. **Lusotopie**, Bordeaux, v. 2001, n. 01, p. 183-194, jul. 2001. Semestral. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/carneirosousa>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SHOUTEN, M. J. 2011. Atas do Colóquio Timor: Missões Científicas e Antropologia Colonial. AHU. Antropólogos neerlandeses e portugueses em terras de Timor [RESUMO]. Universidade da Beira Interior. Disponível em: http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2012/01/11-SCHOUTEN_MJ.pdf Acesso em: 15 dez. 2020

VIÇOSO, Hélder . DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA PSICOLOGIA. 1. ed. Paris: Larousse, v. 1, 2005. 213 p.

ZANIN, Diane. **ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS INDICADORES MACROECONÔMICOS DE TIMOR-LESTE DESDE A INDEPENDÊNCIA**. 2011. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Economia302657.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.

APÊNDICE A — PERGUNTAS PARA OS ESTUDANTES TIMORENSES

- 1- Local de nascimento? Idade.
- 2- Fale um pouco sobre seu núcleo familiar?
- 3- Qual sua trajetória de vida?
- 4- Já havia saído de seu país antes?
- 5- Sempre quis estudar no exterior?
- 6- Por que escolheu o Brasil para estudar?
- 8- O que imaginava do Brasil?
- 9- E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade?
- 10- Como soube da UNILAB?
- 11- Por que decidiu estudar na UNILAB?
- 12- Qual seu curso? É o curso que desejava fazer?
- 13- O que pensa sobre o ensino da UNILAB?
- 14- A integração acontece na UNILAB?
- 15- O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?
- 16- Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

ANEXO A — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Pergunta. Local de nascimento? Idade?

Resposta. Nasci em 5 de agosto de 1961, meu local de nascimento é município de Viqueque. Mas atualmente agora eu moro em Díli porque eu casei com o meu marido.

P.2- Fale um pouco sobre seu núcleo familiar? Qual sua trajetória de vida? En. A minha vida, na época, como já tenho muitos anos de vida, né, vou completar 56 anos, então a minha trajetória é ainda mais do que as dos jovens. Então, na minha infância, eu estudava num colégio particular, até quarta classe, colégio feminino, Oscar Ruas em Ossu, até quarta classe e depois fui para o primeiro ano, segundo ciclo, dali começou a guerra que aconteceu em meu país. A guerra era a revolução de tragos, de 25 abril, em Portugal, então Portugal decidiu liberar todos os pais coloniais para serem independentes, então meu país também atravessou esse problema de guerra civil e dali a invasão aconteceu. Essa invasão durou 24 anos. Então dentro desses 24 anos eu sofri muito. Digo sofrer muito porque perdi meu pai, o meu pai foi assassinado, e minha mãe ficou viúva com cinco filhos, quatro mulheres e um único filho de dois anos, na época os órfãos e a viúva não tem como escapar das dificuldades e do sofrimento. Dali também batalhei, resisti, a procure meu pai e seus irmãos e familiares que foram assassinados pelas tropas Indonésia, e eu enfrentei uma política clandestina, eu organizava a política clandestina para lutar pela independência, cabe alguns momentos em 1981, as tropas Indonésia descobriram e eu fui presa. Eu fui presa e eles me tiraram pra uma outra ilha, lá em Timor, o Timor tem duas ilhas, então eu fui presa em Atauro, quando cheguei lá, o meu marido já estava lá, porque ele também fazia parte de um grupo de clandestinos, e ele também se revoltou contra as tropas Indonésia, ele fez uns assaltos contra as tropas Indonésia para defender a política da independência, e ele também foi preso, quando cheguei ele já estava lá. Então, como jovens, jovens juntos numa ilha conseguimos conquistar e nós casamos, ali naquela ilha, tínhamos uma filha depois dali. Regressamos ao nosso local, a cidade de Díli, mas não moro na cidade de Díli, eu moro na serra de Díli. No Alto de Díli.

Pergunta. Já havia saído de seu país antes?

Resposta. Não, eu nunca sai de um lugar antes de vir para o Brasil.

Pergunta. Sempre quis estudar no exterior?

Resposta. Na minha infância, como meu pai era professor e um dos irmãos dependerá secretário do administrador conselho, e eles são funcionários portugueses, então os dois resolveram que eu iria estudar fora do país, para Austrália, no momento a proposta deles era isso, mas eu fiz um pedido pra meu pai e meu tio, que eu queria estudar no Brasil, isso é o meu sonho desde criança, mas o meu pai respondeu pra mim assim "não! Vai pra Austrália é bom. Porque você tem férias e você pode vir pra Timor, que é perto, é perto a passagem, tem alguns momentos que é barato, que você pode vir." Aí passou alguns dias e eu torno a falar com meu pai, eu vou pra Austrália é outra dificuldade porque vou estudar mais inglês e ué, queria ir para Brasil, Portugal eu não quero, quero ir para o Brasil. Pra estudar longe, eu falei pra ele, pra esquecer a saudade e os mimos dos pais. Eu falei isso para o meu pai. Mas o meu pai mostrou um mapa do Brasil, a distância de Brasil para Timor e de Timor para Brasil, e ele tinha falado pra mim que de Timor para Brasil é muito longe e dá uma dobra, porque naquela

época, é ainda hoje também não temos aquela passagem aérea que sai de Timor é vem diretamente para o Brasil. E dali eu também desisti de ir pra Austrália, eu não quero e então eu fiz o primeiro ciclo e segundo ciclo no colégio.

P. Por que escolheu o Brasil para estudar?

R. Eu desejava porque eu estudava sobre história e geografia, história e geografia contava sobre, no livro, contava sobre os portugueses saírem de Portugal, antes de chegar ao Timor, vinham primeiro no Brasil. Era pra ir pra interromperam no meio do caminho e eles se aproximaram do Brasil e conseguiram encontrar Brasil. E quando eles encontraram o Brasil, eles permaneceram no Brasil, então aquela longa história que eu estudava, é uma coragem que dá para o meu querer e conhecer mesmo, porque os portugueses saíram da Europa, para o Brasil, para América do sul, e foram para África e até chegaram aquela ponta do Timor. Timor está na ponta do mundo. É só isso que eu queria também viajar desse jeito, mas na época não consegui viajar.

P. E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade?

R. Não, não pesquisei e nem sei entrar na internet. Tudo que eu vejo agora eu vim aprender aqui na Unilab. Não sei digitar no computador, nas primeiras aulas eu escrevi tudo a mão e quando chega um momento em que a professora de português não quis que a gente escrevesse a mão então eu devo tentar digitar. E eu aprendi, tudo que eu aprendi, que hoje eu consegui eu aprendi aqui na Unilab.

P. Por que decidiu estudar na UNILAB?

R. Esse negócio de vir pra cá, pra Brasil, aqui na Unilab, é uma esperança é uma coisa que eu não sabia que eu iria vir para o Brasil. Eu fiz um curso, primeiro eu fiz o curso e bacharelado, e a minha especialização é para letras, então na época não tinha professores de língua portuguesa, tinha professores de matemática, física, química e biologia, então os meus colegas terminaram o curso e nós que queríamos fazer língua portuguesa, letras, ficamos a espera dos professores de língua portuguesa/letras vindos de Portugal. Então estávamos a espera, e professores do Brasil chegaram e abriram um curso que chamava, um programa de formação dos professores de ensino básico, que chamamos de Profe-timor. Então eu me matriculei neste curso, pra não deixar o estudo, então eu vou fazer esse curso. Quando terminei esse curso, uma professora brasileira, a Rosaline, informou, aí ela me chamou. Ela me chamou para preencher alguns documentos, ela me chamou e disse pra mim, "Brígida, eu prefiro que você deve sair do país pra estudar. Porque você gosta muito de estudar." Eu disse sim, eu quero sair do país. Mas como é que eu posso fazer? E a professora passou os documentos, ela disse era pra preencher os documentos e pra entregar na embaixada. E depois você vai esperar como vai ser o processo. Eu preenchi esse documentos e fui entregar. Mas não tinha esperança que um dia viria pra cá. Porque pensava assim... Eu tenho cinquenta anos, cinquenta anos pra sair do país o governo não vai aceitar pra pagar passagem, tudo mais. Era uma prova e a professora me chamou e eu fui fazer essa prova. Eu falei assim, fiquei pensando assim, eu vou esse português que aprendi desde criança e hoje estou nesse curso, eu vou prestar os meus exames. Se no caso eu passar eles vão pagar passagem e eu vou. Se eles não aceitam, com a minha idade, se eles não aceitam, deixa pra lá. Mas eu vou fazer essa prova pra conhecer que eu tenho um português, um pouco de português, pra mostrar para os brasileiros. Eu só pensei isso e fui fazer essa prova.

P. Como soube da UNILAB?

R. Eu não sabia do processo seletivo. Foi através da minha professora de língua portuguesa no curso do governo. Ela passou essa informação pra mim e eu peguei os documentos e fui pra embaixada e preenchi lá e fiz a seleção lá na embaixada e entreguei, só entreguei a mão, assim, não é pela internet, porque eu não sei entrar na internet na época.

P. Por que decidiu estudar na UNILAB?

R. Quando sai de lá [embaixada], eles ligaram às 10h, quando eles ligaram pra mim as 10h do dia 12 de maio, eles ligaram pra mim e que ia sair de Timor as 12h de Timor para o Brasil. Eu me assustei e fiquei feliz. Eu falei para os meus filhos, eu falei assim, o meu sonho, desde criança... Quando eles ligaram pra mim, as 10h, para dizer que iria sair do Timor para o Brasil as 12h, eu fiquei assustada e eu respondi pra eles, pra essa ligação, como assim?! Como assim que eu vou sair hoje para o Brasil?! Como vou me manter lá? E eles disseram que não, a chamada foi do Brasil pra cá. Já pagamos a passagem, a senhora deve ir. Se a senhora não vai, então a senhora vai trabalhar cinco anos sem receber seu salário, por o salário vai pagar o dinheiro que já pagamos a passagem. Então voltei pra casa, estava no curso de língua portuguesa, em 2011, eu voltei pra casa, peguei minhas coisas e arrumei dentro da mala e quando estava tudo arrumado pra subir no carro pra vir, eu olhei para os meus filhos e eu falei pra eles assim, o meu sonho de ir para o Brasil desde que eu era criança, eu sonhava com o Brasil, mas nesse momento eu vou conhecer o Brasil, mesmo que eu vá passar muitas dificuldades porque deixei de estudar, eu vou passar muitas dificuldades, o meu curso que eu queria fazer, é curso ciência da natureza matemática, nos meus documentos eu vou enfrentar muitas dificuldades, mas a sorte veio e o sonho chegou. Eu embora, vocês ficam com os seus pais, o seu pai. Vocês ficam e cuidam de uns aos outros. Eu vou me embora. Eu só falei assim para os meus filhos e eu venho. E eu fico pensando que o que eu sonhei na infância, se realizou com cinquenta anos. Eu vim com quarenta e nove anos e aqui, no dia 5 de agosto eu fiz cinquenta anos aqui em Redenção.

P. Qual seu curso?

R. O meu curso é ciência da natureza e matemática. É uma formação dos professores profissionais.

P. É o curso que desejava fazer?

R. Não. Como na época só tinha esses cursos, e dentro desses cinco cursos, a professora passou a informação de que esse curso ciência da natureza e matemática era formação dos professores. Então como eu era professora do ensino público, então eu escolhi esse curso. Mas o meu curso verdadeiro que eu queria é o curso de letras. Curso de letras. Mas não tinha na primeira entrada esse curso não tinha. Não tem como, como abre vaga pra Timor leste e ele falou pra mim que não tem ninguém pra fazer seleção e ele mostrou que a universidade de integração internacional afro brasileira, luso afro brasileira, então eu só mostro que não quero perder, com a palavra lusofonia e integração, por isso que eu fui fazer essa seleção. E eu escolhi ciência da natureza e matemática porque eu sou professora. Mas eu não ensino matemática bem direito, eu sou da aula de língua portuguesa e matemática básica. Então eu escolhi esse curso.

P. O que pensa sobre o ensino da UNILAB?

R. Bom, o ensino da Unilab, os professores do meu curso, é bom, eles são profissionais, todos são doutores. É na minha habilitação que é biologia, já fugi da língua portuguesa porque no meu curso não tem língua portuguesa, fugi da língua portuguesa e fui pra biologia, todos os

professores têm um acolhimento profissional, você tem dificuldade é só se aproxima e perguntar e acrescentar suas dúvidas, pergunta suas dúvidas com os professores. Peça ajuda dos colegas. E nós da primeira turma tínhamos um grupo de estudos, esse grupo de estudo era composto de várias nacionalidades, que fazem esse curso, temos guineenses, angolanos, timorenses e brasileiros. Um brasileiro ele que ajuda muito mais na área da matemática. Que ele é professor da matemática e ele gosta muito da matemática e ajudou bastante. E os meninos angolanos também.

P. A integração acontece na UNILAB?

R. Aqui na Unilab, o título da universidade é universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, mas na minha visão, estou vendo que essa lusofonia está excluída. Falo isso porque às vezes algumas atividades culturais eles só citam a afro brasileira, já vi que ontem a noite aconteceu o festival das culturas, eu vi todo o brasileiro e africano e nem um timorense estava lá. Como é que essa universidade vai encarar essa lusofonia? Mesmo que a política do projeto era pra juntar estudantes, os jovens da África e Brasil em relação a história que nós vimos também. Mas vamos ver que a palavra lusofonia, integração, internacional e lusofonia identifica todos os países que falam a língua portuguesa, aqui na Unilab só tem professores, tem professores de Portugal mas também professores... Mas não tem estudantes de Portugal, menos estudantes de Portugal que não vem pra Unilab. Mas aqui estamos sete países, então a minha crítica, sempre vem na minha cabeça que qualquer atividade pode encaixar, pode integrar timorenses dentro dessas atividades. Mas eu vejo, porque eu vejo, né, dentro dessa semana, eles abriram o festival das culturas, e cadê os timorenses? E às vezes nas festas eles vêm que eu apareço então eles fazem..., A conversa dele é que África, Brasil de repente Timor aparece. Porque eu estudo lá, não é?! Então eles sempre aparecem. Quando não estou lá aí Timor Leste é excluído. É por isso que eu sempre penso, não é, sempre penso, deveria ser a nossa fala, deveria ser os apresentadores, deveriam apresentar uma atividade, poderia citar assim, universidade da integração internacional lusofonia afro brasileira porque tem uma descendência afro que venham e essa descendência dominou aqui no Brasil. Por razão de quê, dos portugueses que abriu essa descendência. Mas lusofonia engloba nós oito. Os países que falam a língua portuguesa então quer dizer que essa universidade é da CPLP, então vamos falar da comunidade de língua portuguesa. A comunidade dos países de língua portuguesa. Não podemos identificar só afro brasileira.

P. O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?

R. Dificuldade assim, dificuldade quando eu cheguei, principalmente na turma, no tempo de fazer trabalhos em grupo, eu acrescento algumas frases e eles me respondem assim, "não entendi o que a senhora falou", eu fiquei assim, tão triste e fiquei pensando assim, vala meu deus, essa português que eu aprendi desde infância, o meu pai e seu irmão proibem que eu não posso falar o meu dialeto, todos os dias em casa eu falo português, eu só dei uma pausa de 24 anos que o português era proibido, mas todas as cartas, as cartas que eu escrevia e a comunicação da resistência a gente se comunica com língua portuguesa como é que esse português que eu falo uma pequena frase e a pessoa não me entende?! Aí então fico triste quando a noite volto pra casa, eu dormi em cima de um coxão e pensei assim "meu deus, por que eu hoje eu falei isso e essa pessoa não me entende?", O que se passa comigo?! E daí passa uns trinta minutos e eu penso "não. É com adversidade, adversidade cultural, e as pessoas não são iguais.", Temos diferentes características e diferentes entendimentos então

isso vai passar, alguns meses, alguns anos eles vão me entender. Aí a dificuldade sim. Tenho muitas dificuldades. E uma outra coisa que, assim, a vergonha, eu tenho muita vergonha de fazer seminário, de apresenta alguns trabalhos em grupo. Quando fazemos apresentação é para falar, mas tenho medo, eu pego no papel e fico lendo, às vezes eu fico lendo esse texto também não sai, fico tremendo, isso é a minha vergonha, os meus dois olhos, olhando para as pessoas que estão ali sentadas para me ver, eu tenho muita vergonha. E como recuperei dessa vergonha, eu tinha uma viagem, uma viagem que a professora Aparecida ofereceu, e eu fui acompanhar a mãe dela para Santa Catarina, e fui sozinha com a mãe dela. Quando chegar lá, como é que eu posso conversar com a família da professora?! E eu me esforcei, aqui sou eu sozinha, eu devo conversar com alguém para entender. E assim eu fui conversar com o irmão, com a cunhada, sobrinha e eles me entenderam. Me entenderam e eu passei, estava a um mês lá, e eu fiquei pensando "ah, aqui é um outro sotaque, lá é um outro sotaque, então nós temos a diferença de entender.", dali que eu me recuperei dessa vergonha.

P. Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

R. Essa razão de que nenhum fez o curso de ciências humanas e letras porque na época sessenta e nove estudantes chegaram, e como eu que cheguei na primeira entrada, tinha só cinco, cinco cursos. Depois da chegada deles que abriram o curso de ciências humanas e letras. Na época eu queria mudar para ciências humanas ou letras, mas na época não tinha. De cálculo e física três, falta só física quatro e cinco, dali que tinha vaga para chamar para vir pra encaixar naquela vaga, mas já não quero porque demorou muito tempo então desisti.

ENTREVISTA 2

Pergunta. Local de nascimento? Idade.

Resposta. Nasci em Díli, em 24 de dezembro de 1990, eu tenho 26 anos.

P. Fale um pouco sobre seu núcleo familiar? Qual sua trajetória de vida?

R. Eu sou a terceira filha de 10 irmãos, tenho três irmãos e seis irmãs, a minha infância foi, eu nasci no município de minha mãe, mas toda minha infância foi em Díli, porque meu pai é natural de Díli então passo em Díli. Minha infância é um pouquinho triste porque o meu pai foi levado para prisão lá na Indonésia, e ficamos eu e minha mãe e minha irmã, aí a gente sofreu ataque dos vizinhos que eram pró Indonésia, quase todos os dias. Por isso eu não tenho uma infância muito boa e não tenho. Agora na minha juventude, depois que meu país se torna independente, eu tenho uma juventude mais livre, ai tipo, depois que Timor conseguiu independência, eu tinha 7 ou 8 anos, então eu ainda tenho um bocado do período da infância, ai aproveitei. E depois disso minha juventude foi muito tranquila, eu tinha acesso às melhores escolas do país, eu tinha aproveitado tudo que tinha pra..., aproveitei.

P. Já havia saído de seu país antes?

R. Eu viajei sim, muitas vezes.

P. Sempre quis estudar no exterior?

R. Tipo, eu não tinha sonho de estudar no exterior, porque eu já tinha estudado fora do país, só que depois eu resolvi voltar pro país, aí meu nome saiu que eu passei na universidade nacional e fui estudar lá. É que também assim, eu não pensava em estudar, pra conseguir essa bolsa pra cá também não foi minha intenção, foi uns amigos meus que fizeram tudo pra mim e eu passei e até agora agradeço por ele porque ele que fez muita coisa pra mim pra eu passar. Eu achei que não ia chegar... foi ele que fez isso, eu agradeço.

P. Por que escolheu o Brasil para estudar?

R. Pra falar a verdade eu não escolhi o Brasil, o meu amigo escolheu pra mim. É porque ele ficou de receber os documentos dos estudantes que vão concorrer pra bolsa. Aí no dia mesmo quando sai o aviso que ia ter concurso pra estudante pro Brasil eu faltei aula, aí no dia seguinte eu fui e aí disse, você entrega documentos porque vai ter concurso pra estudar no Brasil. Ai falei que já está dado que eu não vou. Aí ele botou meu nome na lista de seleção de documentos que eu não tinha levado. Aí ele liga pra mim, traz os documentos porque seu nome já está no quadro, ai fui ver meu nome e disse então espera que vou pegar meus documentos.

P. O que imaginava do Brasil?

R. Eu imaginava do Brasil, porque meu pai já estava em São Paulo, ele já sabe dessas coisas. Agora o Brasil que eu imaginei era cheio dos prédios, eu não imaginava redenção, que a Unilab estava em redenção. Sei que a Unilab está no Brasil ai eu imaginava os prédios todos, aí sobre a situação, sobre essas coisas, ai meu pai tinha falado pra mim que lá é assim. Ai eu aceitei. Agora de redenção... que ia ficar em redenção. Mas sobre o lado bom o curso de agronomia, no Brasil, é um dos países que tem o melhor curso, é agronomia aqui. Eles têm muitas coisas para oferecer. Muitas e muitas mesmo comparando com outros países que talvez eu não ia acessar todas essas informações, no meu país também em outros países. Por isso falar de redenção não questiona muito, dá pra sobreviver. Agora falar do curso de agronomia é muito bom e até agora eu aproveitei muito também.

P. E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade?

R. Tipo assim, o pessoal que ficou de informar da Unilab ficou falando da Unilab, aí eles disseram "ah, a Unilab fica no Ceará". Aí quando você bota Ceará sai Fortaleza, não redenção. Porque eles pensar que se falar redenção muitas vão desistir, e ficam falando que redenção fica no Ceará. Os professores brasileiros também falam que "vocês estão no Ceará é perto de Pernambuco que é o meu Estado", aí tá certo né?! Porque se botar Ceará, Brasil lá no google sai Fortaleza. Mesma coisa com Rio de Janeiro e São Paulo, porque é muito mais conhecido Rio de Janeiro e São Paulo. Lá e a mesma coisa, tem prédio, tem tudo, Praia. Aí eles pegaram aquela foto da Unilab bem na frente, aí não sei, colocaram..., para CÊ que na frente da Unilab tem praia, aí quando chegar aqui só tinha cana de açúcar e capim.

P. Como soube da UNILAB?

R. Eu acho que a Unilab era muito nova, né?! Ai não tinha muitas informações sobre a Unilab no Google. Aí quando a gente colocou Unilab Brasil Ceará sai coisa..., aí quando chega em Fortaleza, é mesma coisa Fortaleza que nem São Paulo. A gente fica em Fortaleza uma semana, aí ficamos lá. Ai eu pensei que a Unilab era perto por aí, do lugar que a gente morava, né. Ai no dia que é pra gente vir visitar a Unilab, aí todo mundo pensava que era perto, aí todo mundo se vestiu bem, aí a gente entrou no carro, anda, sai de Fortaleza, e aí a gente tá indo pra onde? Ai chega nessa cidade, passou cidade, só tem Mato, passou da cidadezinha, não vai chegar, aí quando chegamos em redenção, na Unilab, era um tipo, agora tem muitas mudanças, mas era uma coisinha assim, gente essa aqui é a Unilab. Aí entramos e todo mundo fica triste. Mas não tem como para voltar. Ai tem que aceitar. Aí aceitamos. Agora expectativas sobre as informações sobre meu curso, graças a deus eu encontrei e estou gostando, aproveitando tudo que tem pra aproveitar. Ai, sobre o curso de agronomia mesmo não tem mais problema. Agora, assim, o que eu sinto falta é daquela expectativa que eles só colocaram vídeos, né?! Não muito informações da Unilab. Eles gravaram vídeos com estudantes, só coisinhas bom pra colocar lá gente vê. Acho que já faz cinco anos, estou bem já, assim, já saiu da minha mente, a estou feliz com o curso que estou fazendo. Que também já vou concluir e não tem mais problemas. Já estou me apaixonando por redenção também. 11- Por que decidiu estudar na UNILAB? Eu não escolhi a Unilab. Eu escolhi foi o Brasil. Eu não sabia nada da Unilab, os professores que davam o curso, eles também não tinha informação sobre a Unilab. Ai só fala que vinha estudar no Brasil, Ceará. Estudar no Brasil. Então nunca escolhi pra Unilab.

P. Qual seu curso? É o curso que desejava fazer?

R. No meu caso eu sempre gostei das plantas, aí eu já tinha oportunidade de estudar..., aí eu desisti do curso, aí eu passei pra Medicina, mas não fui, porque, uma coisa né, Medicina só por causa que minha mãe queria, mas eu não queria, sempre gostei De das plantas, aí eu pensava em biologia, porque eu não tinha conhecimento de agronomia ainda, mas depois que fui pra universidade aí eu decidi e escolhi agronomia. Agora do curso de agronomia da Unilab não esperava tudo isso não. Eu esperava que fosse um curso que em questão de informação fosse melhor que Timor, mas desse jeito que está aqui, desse jeito que a Unilab adotou um curso de agronomia diferenciado do Brasil de outros países também, é um dos cursos de agronomia mais novos do país. Então que se adaptou com os pequenos agricultores, com os agricultores familiares. Que meu país tem mais agricultores que os empresários, acho que

86% são agricultores, isso faz que o que eu esperava da Unilab foi, o que eu esperava do curso de agronomia da Unilab, foi assim, mais eu esperava. Do curso de agronomia.

P. O que pensa sobre o ensino da UNILAB?

R. Vou fazer uma comparação Timor e Ceará. Então tudo que eu aprendo no curso de agronomia, foi muito uma parte só porque a gente estuda mais de Brasil. Não fala do meu país nem do país dos meninos africanos, mais do Brasil. Coincidência o Ceará tem a mesma, tipo, os dados climáticos, precipitação, tudo igual a Timor. Agora os agricultores também tudo igual a timor. Tudo que for pra cá é a mesma realidade que tenho no Timor. Falta de água, tem falta de água, tem falta de água em Timor também. A diferença de aqui e dela e que aqui tem menos chuva e lá tem mais chuva. tem Desmatamento, tudo, vamos falar que 90% do que eu estou estudando aqui é a mesma realidade de Timor. Então não há nada pra eu temer que tudo que, 90% daqui eu posso levar pra lá. Agora os matérias que os professores passam na aula, eu vou da um exemplo, sistema de classificação do solo brasileiro, eu tenho que estudar sobre a classificação do solo brasileiro, coisa que eu não vou levar para o meu país, mas eu vou pegar o lado bom e que, o que eu preciso saber pra conseguir classificar um solo, quando eu chegar no meu país eu vou me virar com o que ué, já sabia como eu posso classificar um solo. Depois que eu chegar lá eu classifico meu solo. Já me ajuda bastante.

P. A integração acontece na UNILAB?

R. Eu não sei se a integração acontece aqui na Unilab. Eu sei que eu me integro. Porque eu já tinha, meu ex namorado e caboverdiano, eu tenho muitos amigos guineenses, tenho muitos amigos brasileiros, tenho muitos amigos de São Tomé, Moçambique, Angola também, acho assim, eu só mais, tipo, quando me chama não chama de timorense, chama de angolana moçambicana porque muitas pessoas me confundem ser uma timorense não porque eu ando assim, mais misturado com todo mundo, eu tenho amigos brasileiros também, então o sistema integração na Unilab eu não sei, mas eu me integro.

P. O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?

R. Comida. Porque quando cheguei aqui, comida de Timor e do Brasil são totalmente diferentes, até o cheiro. Quando eu cheguei não tinha me alimentado bem no avião, durante a viagem, aí quando cheguei aqui até o cheiro de desinfetante me fazia mal, aí eu não tinha comido, aí a gente nem sabe o nome de panela, o resto a gente sabe, arroz a gente sabe, agora panela, pra gente entra na cozinha e pedir pra falar com mulher pra dar um pra gente fazer uma comida nossa. O menino foi, arroz ela deu, e o negócio pra colocar o arroz dentro. O quê? O segundo foi a língua, aí como Natalino falou, também sobre banheiro, primeira vez que a gente veio de Fortaleza para cá, no caminho já tinha vontade de fazer xixi, quando cheguei eu disse, quero casa de banho, casa de banho? Aí o cara me levou pra, acho que o laboratório de informática, não é casa de banho, o que que você quer? Casa de banho, aí não tinha falado assim, banheiro não entendi o que ele tinha falado. O que que você quer? Casa de banho! Aí ele me levou e disse, aqui é banheiro, aí eu disse, espera aí, vou ver o que é aí dentro. Ah, é essa mesmo!

P. Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

R. E porque a gente já estudava na universidade nacional, que é cooperativo com a Unilab que cooperativo com a universidade de lá. A escolha tinha o curso de enfermagem, agronomia, engenharia de energia, ciência da natureza e matemática. Aí escolheram um estudante de cada

curso, aí eu já tinha estudado agronomia lá, o Natalino tinha estudado engenharia lá também, outros meninos da administração já tinham estudado também, então tipo, já era parceria, cooperação, então o pessoal de lá, alguns cursos botaram avisos no quadro. Agora no meu caso, o pessoal que toma conta entraram no nosso curso que era Sobre a diferença de idade, então a nossa idade era dentro da faixa, aí então entraram na nossa turma e que temos oportunidade pra fazer seleção pra estudar no Brasil. Aí eu acredito que é a mesma coisa com [Entrevistado 2].

ENTREVISTA 3

Pergunta. Local de nascimento? Idade.

Resposta. Eu nasci em Bolcan em 6 de Março de 1992, e eu tenho 25 anos.

P. Fale um pouco sobre seu núcleo familiar? Qual sua trajetória de vida?

R. Eu tenho dez irmãos na minha família, tenho três irmãs e seis irmãos, eu sou o quarto filho, eu moro em Díli, porque meus pais, na verdade são do interior, só que eles vinheram buscar a vida na capital, em Díli, aí eu nasci lá. Cresci lá também e sobre a minha infância, quando era criança, com a mesma situação né, o pai a mãe não deixavam a gente brincar fora da casa, por causa da situação, então a minha juventude depois da independência em 2002, em 2009 eu mesmo tentei viver independentemente, eu tentei trabalhar pra ganhar um pouco de dinheiro, pra comprar os cadernos, livros, roupas da escola. Aí pra ajudar meu pai, eu aproveitei pouco minha vida de juventude, aí de manhã ia para aula e a tarde ia trabalhar, ganhava pouco dinheiro. Aí eu não morava com meus pais, mas com meu pai adotado, porque ele só tem um filho aí ele me adotou.

P. Já havia saído de seu país antes?

R. Primeira vez que sai do país.

P. Sempre quis estudar no exterior?

R. Sim. Eu tinha, desde de 2004, quando a minha irmã passou pra uma bolsa pra estudar Medicina em Cuba, então eu sonhava ter, depois que ela volta eu vou. Aí depois disso eu começo a..., isso só no meu sonho, aí eu tentei a noite rezava até que enfim eu consegui, aí eu prometi, ela volta 2012 aí eu ia. Ela voltou em 2012, depois passou duas semanas e vim pra cá.

P. Por que escolheu o Brasil para estudar?

R. Oportunidade, né! Porque lá quando você estuda na universidade pública federal, você tinha sorte de entrar na universidade. Caso você estude numa universidade particular é caro. Semestral é caro. Caso você não entre na universidade pública tem de esperar.

P. O que imaginava do Brasil?

R. Vamos falar o bom do Brasil. Aqui pra gente, principalmente na área de educação, aqui é muito avançado, na minha área de engenharia, engenharia renováveis, a gente aprende muito, quando compara com Timor, para se tornar engenheiro você precisa estudar mais específico, aqui é muito bom. Agora como fala, por um lado, aqui no Brasil como sabe não pode andar na rua, mas tudo isso faz parte já, todo canto existem criminosos.

P. E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade?

R. Não, eu não pesquisei.

P. Como soube da UNILAB?

R. Quando eu cheguei aqui não imaginava essa Unilab. Porque botei no Google, Unilab era outra coisa, apareceu não sei qual foi a cidade, apareceu outro campus..., São Francisco do Conde, Bahia. Apareceu isso. Aí como já chegamos aqui não tem como pra voltar, com a mão vazia, sem nada.

P. Por que decidiu estudar na UNILAB?

R. Pessoalmente, pra mim, primeiro o curso. Porque em Timor, por enquanto, tem, baseado nos dados que nós temos, em pesquisa da internet, só tem dez pessoas que estuda sobre engenharia de energias, energia eólica e hidroelétrica também. Aí, esse curso é bom porque no

Timor tem muitas águas, vento também, nós vínhamos aqui estudar engenharia de energias, então, isso que nós vimos aqui, no Timor tem tudo. Eu gosto e de vir pra cá e escolher esse curso.

P. Qual seu curso? É o curso que desejava fazer?

R. Essa bolsa que a gente concorre, porque a Unilab fez parceria com a nossa universidade, então já tínhamos estudado na universidade, como sou da engenharia elétrica, aí concorre na bolsa só pra engenharia de energias. Não tem como mudar. Sim, mas só que o processo é longo. Tem que mandar pra pro reitoria, manda pra embaixada, embaixada manda pra Timor, depois de lá aceita você volta pra lá. Se eu não estivesse em engenharia eu não vinha, porque a universidade de pra outro curso. Porque engenharia na UNTL, no Timor, universidade de lá, só deu oportunidade para nós da engenharia. Se não tivesse engenharia então não estaria aqui.

P. O que pensa sobre o ensino da UNILAB?

R. Sim. O ensino de lá com aqui é totalmente diferente. Eu digo assim porque o Brasil é o país que mais avançando depois de muito tempo da independência. Timor é um país novo, aí precisa muito, falta livros..., aí aqui você que tem que correr atrás do professor. Lá e contrário. Tem professor, você quer correr atrás do professor só que não tem livros, livros que a gente usa é versão antiga, 1998, 1996.

P. A integração acontece na UNILAB?

R. Eeeeeee..., é complicado. Quando falamos de integração nós nunca sentimos integração. Talvez nós ficamos juntos, conversar, isso já é faz parte da integração já. Mesmo que a gente não ficar todo dia, todos os dias ficamos juntos. Um dia quando sairmos daqui, cada um volta pra seu país, tem oportunidade pra você visitar países da língua portuguesa, chega lá você conhece, ah esse é meu colega. Ah era a gente estudava na Unilab. A gente se apresentar, conversar, trocar as ideias, isso já faz parte. Mas nós não sentimos. Talvez tem gente que fale que não tem integração, mas, na verdade, tem. Mas nós não sentimos a integração. Um dia a gente vai sentir.

P. O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?

R. Dificuldade mais grande é fuso horário, segundo é língua, língua..., a gente entende só que o sotaque, a pronúncia aqui, quando fala com os africanos eles entende, mas com os brasileiros..., quando chegamos aqui eu perguntei para um brasileiro, "onde fica casa de banho?" Ele não percebeu "que casa de banho?" Olhei para o lado e lá tava escrito banheiro, aí ah casa de banho é banheiro. Um pouco da comida.

P. Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

R. Como ela falou [entrevista 2], a vaga que abriu pro Timor, só tinha esses cursos aí. Não tinha BHU, só tinha de administração..., aí a gente concorreu porque a universidade lá também, oferece pra gente. Acredito que os próximos também vão vir nos outros.

ENTREVISTA 4

P. Local de nascimento? Idade.

R. Díli, 26 anos.

P. Fale um pouco sobre seu núcleo familiar? Qual sua trajetória de vida? Como soube da UNILAB? 11- Por que decidiu estudar na UNILAB?

R. Bem, é, minha família é muito simples, se chama família Gusmão. Na infância, aula, assim muito complicado, na época de invasão da Indonésia, nós estudamos a língua malaio, no primeiro ano do ensino fundamental até terceiro ano, quarto ano. Depois da invasão da Indonésia nós nos tornamos um país independente em 2002. Então naquela época nós continuamos também com a língua da Indonésia também nós estudamos, mas quando nosso país se tornou independente, ele tornou a língua portuguesa como língua oficial. Começamos a estudar a língua portuguesa, mas assim, não é a maneira de falar assim como aqui no Brasil. Falam o português todo dia, volta pra casa também fala, mas lá, é tipo uma disciplina que fala disciplina de língua portuguesa, mas lá a gente não aprende muito assim não. Coisas como conjugar o verbo no tempo passado, futuro, lá a gente se escreve uma redação simples, redação que fala sobre a família. Então lá, depois do sexto ano, escola pré secundária. Então, na escola pré secundária também língua portuguesa é como uma disciplina também, além da língua portuguesa também fala a língua inglesa, como disciplina também, a língua inglesa e outras disciplinas. Só o português que a gente utiliza o português pra falar, comunicar dentro da sala de aula. Mas no restante a gente utiliza a língua malaio, a língua da Indonésia. Então isso prejudica a gente que estamos aqui no Brasil, prejudica muito, porque a gente deve estudar, procurar saber a língua portuguesa, e lá no ensino secundário também a língua portuguesa não é como aqui no Brasil, mas como disciplina também. E lá a gente aprofundou a língua portuguesa, se esforçou muito, pra estudar a língua portuguesa, e quando chegamos na faculdade, que se chama UNT, universidade nacional de Timor..., cada um escolhe seu curso, então eu escolhi a disciplina de matemática como aqui, com habilitação em matemática. Tadeu escolher o curso de matemática como outros amigos escolheram outros. Então, na época de Universidade, que teve um edital com convocação pra Unilab. Então, assim, eu entreguei os documentos, para seleção de documentos, fazer entrevista. A partir daí começamos, se passamos no concurso, até começamos a fazer um curso de língua portuguesa, de Brasil né. Mas lá, antes de, como aprendemos na escola fundamental o português de Portugal, então o sotaque é diferente pra gente entender. Até que isso também é um desafio pra nós, os timorenses, então lá, com o curso, participou do curso de língua portuguesa, com os professores brasileiros mesmo, durante seis meses. Seis ou sete meses. Depois vinhamos pra Unilab, né, queria agradecer também essa oportunidade, pra nós participar ou seja, aprender, contribuir ou ampliar nosso conhecimento também. A Unilab faz parte pra nós eeeee... acho que só.

P. Já havia saído de seu país antes?

R. Foi a primeira vez mesmo.

P. Sempre quis estudar no exterior?

R. Eu tive o sonho. Tive o sonho que queria estudar tanto no Brasil ou em um outro país, né?! Mas eu preferi um país de língua portuguesa como base. Pra mim o português é mais fácil de aprender do inglês. Mesmo assim eu procurei estudar, então com essa oportunidade queria

assim, colocar minha capacidade dentro dessa oportunidade para ampliar meu conhecimento dentro dessa oportunidade.

P. Por que escolheu o Brasil para estudar?

R. Naquela época ocorreu concurso do edital, eu não sabia que eu posso, assim, concorrer, posso passar pra esse edital para estudar aqui no Brasil. Mas foi uma oportunidade que eu não esperava. Mas como saiu o Brasil, eu vou fazer essa convocação, eu vou participar, tipo, participar desse edital né, pra se convocado pra Unilab. Eu não sabia que Eu vou passar ou não. Eu falei pra meu pai, meu pai me disse que "é melhor você estudar aqui". Na infância nunca morei com outra pessoa. Eu só morei com meu pai, minha mãe e meus irmãos. Até que o meu pai foi pra outro lugar, fui passar uma noite, duas noites, fora da gente, até que a gente fica com saudade. Nunca pensava esse dia. Então és aqui é também um desafio pra ficar longe da família. Então eu, assim, pra estudar aqui no Brasil, não é uma oportunidade pra mim também, se fosse pra outro lugar também eu ia aceitar também.

P. O que imaginava do Brasil?

R. Bem, antes disse que pra estudar no Brasil, a gente sabíamos que o Brasil é o quinto maior país do mundo, então pra gente o Brasil é lindo, mas pra vir até aqui em redenção também não esperava, mas diz que o Brasil é conhecido pelo Rio de Janeiro pelo Cristo redentor, à eu vou até lá, vou visitar o Cristo redentor, assim o Brasil é lindo, mas não esperava que chegar até aqui em redenção, mesmo assim na universidade Unilab, não também que ela foi fundada em 2010, não sabia também. Quando chegava aqui, à então não é aquilo que ensinava né, que era uma cidade grande, com casa que num tem muitos prédios, mas não tem como a gente mudar, que não quer participar dessa oportunidade. Então comecei a estudar, estudar e se tornou a redenção como uma cidade maravilha pra mim também. Mesmo que tenha muita essa dificuldades de enfrentar tem muita situação que se torna, quando a gente volta pro país sempre vai ter saudade de redenção.

P. E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade?

R. Lá na época não. Não tinha pesquisado não. Lá só os professores, os líderes da universidade, as pessoas que trabalham lá só mostram a foto e "à, vocês vão pra essa universidade, Unilab, que tal", mostram alguns prédios, que são lindos né. Ah tá bom, a gente nunca pesquisa sobre redenção, não dizem que é redenção, só diz que é Fortaleza, Mas a gente chega lá, à Fortaleza também é linda, quando chega."agora vamos para nossa universidade." Ah tá bom, vem pra Serra, é como Distrito lá no nós o país, aqui no município, lá a gente chama de distrito. Daqui a pouco vai se tornar município, esse lugar de redenção, tipo como o distrito de lá de nosso país. Foi tudo surpresa mesmo. A gente não sabia que era assim. É surpreendente mesmo. Não sabia que redenção que tinham libertação de escravos, não sabia também. Porque lá também, a televisão o canal que passa novela do Brasil também. A gente conheceu alguns novelas, o Brasil através das novelas.

P. Qual seu curso? É o curso que desejava fazer?

R. Eu sou do curso de matemática. Ciências da natureza e matemática. É. Porque lá na UNT também frequentava o curso de matemática mesmo. Eu estudei a matemática desde a infância até agora.

P. O que pensa sobre o ensino da UNILAB?

R. Aqui o que me chamou atenção foi os professores. Porque lá no Brasil, na Unilab, os professores são muito corteses, eles ensinam bem, eles quando ensinam eles também motivam

os alunos a estudar. Para alcançar seus sonhos. Então isso é que foi, os professores da Unilab que motivaram a gente, principalmente os estrangeiros, que estão aqui. Nas primeiras aulas, do primeiro trimestre, dizem que os timorenses, porque a gente não fala a língua portuguesa, a gente se comunica entre nós com nossa língua dialeto, a língua Tetún, mas na aula é difícil pra entender o português, mas os professores, eles tentam entender o que a gente vai falar, o que a gente entende sobre a matéria, a gente compartilha com os professores. Os professores também são a base de novo conhecimento pra nós. É, tô pensando também que, mas tem algumas que o Brasil, é o país tem muitos desenvolvimento que lá no Timor. Então eu percebi que os professores daqui, eles utilizam, a maioria são de doutorado, comparando com nosso país, os professores aqui são melhores. Então eu queria levar os conhecimentos que eu vou ter aqui com os professores da Unilab, principalmente na área de matemática, e queria levar assim pra compartilhar lá com nosso país. Principalmente na área de educação também, com os professores de pedagogia. Então eu encontrei várias maneiras de tipo de matemática. Eu fiz também pesquisa sobre os professores de ensino de matemática, assim, como usar as materiais de baixo custo, e uma base também para ser aplicada lá no nosso país. No ensino de matemática. É a vontade. Assim, não prejudica uns aos outros. Lá no Timor você deveria, assim na cultura de Timor, na área de educação da UNT, quem querer ir pra aula de educação de matemática, você tem de ir de saia, de camisa, não pode ir de short. Assim, então tá aqui na cultura brasileira a gente fica à vontade, né, pra frequentar. Você pode colocar sua ideia diante do que o professor colocou também. Então aqui é muito diferente. Os alunos possam construir, colaborar com o professor. Colocar a ideia, a ideia que você acha que está certo ou não, pode colocar isso aqui a vontade. Assim, porque isso também, o contrato entre o nosso governo e a Unilab, tem alguns, no ano retrasado, queriam vir mais pessoas, só que tem o contrato entre o governo, porque nós estamos aqui depende do contrato de Brasil, ou seja, a Unilab com o governo de Timor. Não é a Unilab que não quer que os alunos venham pra cá, depende do contrato se lá aceita ou não. Tudo agora depende do contrato, ou seja, as pessoas podem falar, "à vocês excluïrem os timorenses". Os outros, eles passam aqui pra estudar a vontade. O Timor também depende das coisas que não sabia sobre essas coisas.

P. A integração acontece na UNILAB?

R. É pra mim..., pra minha visão acontece a integração também, mas o que sofreu pra gente que na entrada de 2012.2, uns 30 timorenses que estão dentro dessa turma, nenhum, naquela época foi 5 africanos, que estavam lá com a gente, somos 35 pessoas da turma de 2012.2. Mas depois que passou para terceiro, quarto trimestre, os 5 africanos foram embora para outro curso, mudaram pra outro curso, e só ficamos com 30 pessoas timorenses. Naquela época a gente achamos que não foi aula de integração como a unilab disse, né. Então foi assim, nós sentimos assim, a falta de integração dentro da turma. Então depois de passar pra sexto trimestre, dividiram pra cada habilitação, química, física, biologia, matemática, para cada habilitação. Então no sexto trimestre, sétimo, nós fizemos a integração dos brasileiros, dos africanos, dos outros timorenses. Então começa a vir a integração. Então daqui pra frente, acho que a Unilab tá como integração mesmo. Conseguí. Só os outros países mesmo, africanos e brasileiros, mas pra nós os timorenses diz que não muda o curso, depende do contrato, porque nosso contrato também com a UNT, onde nós frequentamos o curso lá, na faculdade, quem faz a matemática concorre pra matemática, diz que não pode mudar de curso. Então ficamos só.

P. O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?

R. A primeira, é, a primeira a chegar aqui foi a comida. O cheiro é diferente, o tempero também é diferente, então esse aqui foi a primeira. Depois a segunda foi o vestuário. Lá no nosso país não costuma vestir assim, de short para aula. Mas agora já estamos acostumados. Às vezes vem de short, de chinela. Assim, agora é livre. O outro é Cultura, também. A cultura brasileira é diferente de africanos, diferente de timorenses. Mas conseguimos adaptar com tudo.

P. Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

R. 2012.2. Primeiro grupo. Alguns são os três que vinheram, que a gente chama de mãe, as três mães que estão aqui desde 2011, depois um grupo maior de 69 pessoas vinheram depois em 2012. E porque é assim, como eu falei, antes de passar pra aqui pra unilab, nós frequentamos o curso na faculdade UNT, então lá nós cada um já tem o seu curso, 34 tipo, 12 pessoas de matemática, aqui na Unilab, 7 de física, 11 de Química, 10 de agronomia, 10 de enfermagem, 10 administração pública, então lá essas pessoas já frequentavam de cada curso lá no Timor, então na hora de passar o edital, todos concorremos na UNT para passar aqui na Unilab, chega aqui só continua o curso que nós já temos lá na UNT. Por isso que não têm o curso de outras, assim de humanas, letras, não tem.

P. Tem curso de humanas na UNTL?

R. Existe também. Mas não é tipo só humanas, filosofia assim..., comum. Tem vários cursos. Não é só os cursos que mencionam pra participar dos cursos da Unilab.

ENTREVISTA 5

Pergunta. Local de nascimento? Idade.

Resposta. Nasci na capital Díli, é tenho 25 anos agora. Completei em abril.

P. Fale um pouco sobre seu núcleo familiar? Qual sua trajetória de vida?

R. Bem, eu tenho quatro irmãos, meus irmãos mais novos são gêmeos, sou o segundo é tenho uma irmã mais velha, é tenho uma mais nova, meu pai e mãe ainda estão vivos, graças a Deus, e a minha mãe é professora do ensino básico, meu pai atualmente está desempregado por fator de saúde. Eu passo uma infância que acho que todos os timorenses passam, uma infância de guerra, viva debaixo de pressão colonial, eu nasci em 1992 então eu nasci já com a Indonésia já estava dentro, então a minha escola básica é toda Indonésia, durante a ocupação da Indonésia a gente pegou o padrão infantil da Indonésia, brincar pipa, de jogar bola, era um modelo de infância da Indonésia, a gente assistia tv, desenhos da Indonésia, ou seja, desenhos internacional tipo Bob Esponja que era traduzido para Indonésia e a gente assistia pela tv da Indonésia. Assim, a gente vivia com medo também porque naquela época quando nosso país saiam, principalmente os homens e jovens, não tem volta, né, qualquer coisa os militares da Indonésia poderiam matar eles a qualquer momento, então a gente vivia em parte daquele jeito. Quando meu pai saiu, a gente dizia que "tomara que tudo certo", minha família toda também, então, infância no geral fui feliz, né. Meu pai trabalhou numa instituição governamental da Indonésia, ele teve um dos melhores cargos de lá, então na nossa infância nunca faltou, só que a gente vivia no medo mesmo. Qualquer coisa podia acontecer. Então acho que isso.

P. Já havia saído de seu país antes?

R. Não. Eu não sai nem de casa. Num sai nem do teto. Assim, depois que Timor se tornou independente, a gente sofreu. Meu pai trabalhou durante a Indonésia só que depois da independência ficou desempregado, a minha mãe teve que se voluntariar para, porque ela tinha formação para Indonésia, ela tem formação de professor, né, licenciado para ensinar, depois de Timor independência, a gente viveu assim, meu pai desempregado, a maioria, né, não tinha renda, muito pouca, então vivia abaixo da pobreza, minha mãe foi voluntariar nas escolas, depois foi contratada, depois de 2 ou 3 anos, e virou efetiva, então quando isso aconteceu, a nossa família começou a..., O perfil da família começou a mudar, renda, também, a minha irmã, primeiro ela ganhou bolsa, antes que eu, de um grupo internacional que faz intercâmbio estudantil, que ela era muito inteligente, em qualquer escola que ela passou ficava em primeiro lugar. Então ganhou a bolsa, inclusive aqui no Brasil ela estudou o último ano do ensino médio, em São Paulo e Rio, isso foi um dos motivos que me motivaram, né, um espelho. Ela foi a primeira aí eu disse que quero chegar até lá também. Então quando ela voltou, passou um ano, né, ela também trabalhou na ONU, que ainda estava implantada lá no Timor, ajudou mais a renda...,

P. Sempre quis estudar no exterior?

R. Sonho começou quando minha irmã saiu. A gente não tinha noção de onde vai chegar, tipo, "o que é universidade?", a gente não tem essa noção de estudar fora, de pegar um avião, por exemplo, então a minha irmã foi muito importante, foi um espelho pra nós, e também, além do..., depois ela conseguiu outra bolsa pra Austrália, então nossa, minha irmã saiu e eu tenho que sair também. Aí comecei a estudar, estudei inglês, português também, a gente tinha

português na sala de aula apenas, aquela coisa de gramática, de conjugar verbos, tempo essas coisas, só que, na prática a gente não tem. Nunca tive de prática. Sonhei então depois de minha irmã, que me motivou sempre. Eu fui até fazer teste do grupo internacional que falei antes, fiquei em terceiro, eram só duas pessoas, e assim, eu tenho um princípio na vida que, minha mãe sempre falou que, quanto mais você perde, mais você consegue na verdade. Então nunca desisti disso, apareceu oportunidade de vir pra Unilab, disse essa aqui é minha oportunidade. Aí fui fazer vestibular, né, de língua portuguesa e uma entrevista. Foi difícil, eram 60, 70 bolsas, a gente conseguiu, eu fiquei entre os melhores 70 então estou feliz de estar aqui.

P. Por que escolheu o Brasil para estudar?

R. Pois é, naquela época abriu essa oportunidade para Unilab e teve outra oportunidade na Austrália, contabilidade, que era uma área que gostava muito, ainda gosto, mas não gosto muito, aí na mesma semana, não, a prova foi antes da Unilab, aí já recebi o resultado, que tinha passado. Todo feliz, a minha mãe chorou no primeiro dia, não mãe não é agora que a gente vai é no próximo ano, então na semana posterior, após resultado, apareceu bolsa que eu queria tanto, né, a Austrália é perto, a bolsa era especificamente na Austrália, só uma hora de vôo então era muito bom. Uma bolsa boa, inglês que era sempre meu sonho, então vi que teve essa oportunidade e disse que não vou concorrer mais. Só vou ocupar a vaga de outro. Não sei porque que não fui, né. Não sei exatamente, só sei que não fui. E aí estou aqui agora, né.

P. O que imaginava do Brasil?

R. Eu vou falar a minha visão antes de chegar aqui. Visão de antes do curso e depois do curso que são diferentes. A gente imaginou o que é o Brasil, Brasil é Rio de Janeiro, São Paulo, todos falam isso, né, Fortaleza também, antes de eu passar, disseram que a gente ia para Ceará, Ceará, a gente coloca no Google Ceará só sai Fortaleza, então é uma área urbana muito bom, e eu não tinha noção disso tudo, a expectativa era maior. Pronto, a gente fica aqui, decepcionado, de certa forma, assim, não decepcionado, agradecendo também. Ai depois, a minha visão final do curso, é que a gente começou a entender... Aquela coisa de marketing, marketing do turismo, do país inteiro, então isso pra atrair turistas, que caiu na nossa visão lá. É também essa nova forma de educação de descentralizar a educação, de trazer os estudantes para o interior, assim, desenvolver o país mais democrático. Com participação de todos. Então eu acho que continua assim, porque as pessoas acham que Brasil é Rio de Janeiro, São Paulo, por conta de que eles foram atingidos pelo marketing, assim, o marketing público não era pra nós, que não somos turistas, não temos dinheiro para passear, então caiu pra nós. Mas, na verdade, esse marketing era pra pessoas que tem uma vida melhor, pra visitar os países. Não acho errado.

As pessoas, os brasileiros, assim, eu gosto muito de futebol, acompanho e sempre torci pela seleção brasileira, desde pequeno, aquela criança que joga na rua e coloca o nome Ronaldo nas costas, eu era um deles. Então a gente vê, eu nunca tinha ouvido um brasileiro falar português, a gente fala português, tinha um canal português, chama RTP, né, um canal de tv que passou no Timor, que a gente assistia, né, só que tem uma diferença esportiva, aí quando entrevista, jornalista brasileiro, a primeira pessoa que vi é o Robinho. Ele foi entrevistado e assim, é um sotaque diferente, muito lindo, então superou. Mais do que, mais do que eu esperava. Eu não sabia que as pessoas eram tão receptivas, principalmente aqui no nordeste. Eu acho que aquela coisa, a visão construída, como falei, o marketing atingiu, eu acho que

contradiz o que eu esperava. Uma cidade maior, que tava preparado também. E segurança, pensei que era mais tranquilo, mas tudo bem. 9- E de Redenção? Pesquisou sobre a cidade? Eu nunca imaginei Redenção. Eu nunca imaginei. Pesquisei sim, tinha apenas imagens do banco do Brasil, Boticário, o prédio lá, a Unilab tinha a escada no Google. Era só isso no Google. Mas eu sei que é perto de Fortaleza, 50 km, é perto. Eu não tinha noção dessa formação de Estado, município, estadual e federal, não tinha noção, mas ao chegar aqui eu entendi. Mas é feliz, né. Na minha visão de tá em Redenção, tô feliz, porque se você comparar um estudante universitário morar em Fortaleza o custo de vida é maior. Você aqui em Redenção, é tranquilo, mais tranquilo que Fortaleza, então eu tô feliz aqui, eu gosto.

P. Como soube da UNILAB?

R. Eu soube, eu estudava na universidade federal de Timor, que é a única universidade pública, né, como tem aqui, só que lá tem única, a gente passa por um exame nacional, aí passa por notas, eu entrei na classificação, ao todo foram 810, então passei e estudei nessa universidade, no departamento econômico, gestão financeira, aí primeiro semestre foi avisaram nas salas, que Unilab tinha cooperação com essa universidade, então fiquei sabendo por causa disso, até os professores incentivaram pra fazer esse teste.

P. Por que decidiu estudar na UNILAB?

R. Meu amigo Isac, com ele.

P. Qual seu curso? É o curso que desejava fazer?

R. Administração pública. Era nessa área, eu gostava de estudar gestão financeira, só que na administração pública pega tudo, mais que economia, gestão financeira, administração pública, em geral, tudo. Foi mais que eu esperava... Passou a gostar. Porque a gente começa no curso e não sabe o que isso, aí quando chega aqui, Ah e isso.

P. O que pensa sobre o ensino da UNILAB?

R. No ensino eu acho que não. Claro que a gente entende que a Unilab tem poucos anos, mas ainda está sujeito a mudar muitas coisas, inclusive tem o meu trabalho, eu ia fazer um artigo sobre esse rumo aí, será que os professores têm metodologia, porque a Unilab no seu regime, no seu estatuto, diz que integração no ensino, pesquisa e extensão, então o meu projeto foi pra ensino, o ensino os professores foram dado a metodologia ou eles têm própria metodologia para entra na sala de aula que tem diversidade, cultura de diversos países, é que, por exemplo, falar de gestão financeira, será que o professor tem uma metodologia de elabora 37 algumas coisas pra tais países, pra da exemplos, s, ah aqui no Brasil é assim, mas em Guiné Bissau é um pouco diferente, e tal, tal. Então a minha pesquisa é sobre isso, mas não consegui porque estou terminando, mas se eles quiserem mais na frente pra poder fazer. Então no Timor falta muito, também pro próprio Timor que não, são poucas pesquisas, do próprio timorenses inclusive, tem pesquisa de estrangeiro fazendo sobre Timor, mas timorenses fazendo sobre Timor ainda é pouco. Mas a gente vai mudar isso. É um país novo, 15 anos de independência, considero uma evolução também.

P. A integração acontece na UNILAB?

R. Pois é... No ensino não tem. Como falei, na pesquisa, na pesquisa incluir se os professores utilizaram a divisão de grupos para integrar os alunos, sendo que em si não é integração, então poucos professores fazem isso, os outros deixam como está, né, então brasileiro fica com brasileiro, aí cria aquele negócio que é natural, você se sente mais tranquilo com pessoas que você conhece então é natural, então a Unilab precisa criar um mecanismo, pra fazer isso.

Então fora do ensino, atividades de esporte que demorei aqui, um bolsista que organiza, então tem integração, fora do ensino. Na verdade, eu, todo mundo tem... Aqui é uma universidade, você tem que ter uma noção de que você está aqui, então eu vou fazer integração, a universidade integração, eu que vou fazer integração, não é universidade, a Unilab que "[Nome] é você que vai fazer integração", não. Se você sente importante, você vai atrás. Porque a integração em si trás, não sei... Se eu aprendo mais com ensino em sala de aula ou se aprendo mais com que eu convivo com as pessoas. Tipo na sala de aula não tem como ouvir como tá lá, as pessoas falam sobre isso. Conheço mais que em sala de aula. Eu acho legal, mas é mais do interesse de cada um. Você tem que abrir mão pra integrar com outros países.

P. O que você destacaria como sua maior dificuldade de adaptação?

R. A língua. Como falei a gente não teve a prática da língua portuguesa, teve aquela noção de conjugar verbos, mas às vezes até conjuga errado, só que como falei, você tem que, tipo, aqui na Unilab você já tem asa, você boa sozinho, como eu tava com fome português eu busquei aprender. Até sofri um pouco de preconceito dos outros que, ah você só anda com brasileiros, dos timorenses, só que é o meu jeito de aprender. Eu tenho que correr atrás. Como funciona no Brasil, como funciona em outros países, a gente puxa conversa pra ter uma prática de português, isso foi fundamental na minha convivência aqui.

P. Atualmente existem 69 timorenses estudando na UNILAB. Mas nenhum matriculado em cursos de humanas. Existe uma razão para este fato?

R. É que tinha apenas por área, a minha era gestão financeira, então não tem outra área que esteja ligada, com essa área, então administração pública era único curso ligado, então escolhi. Eu acho que, eu não sei explicar direito, mas eu acho que por conta de vagas, nosso grupo aqui, tem em outras universidades brasileiras, em outro estado, meu amigo Ezidoro, da Paraíba, UEPF, é de letras. Já foi embora, já terminou tudo. Aqui na Unilab é porque era dividido por área, eu na área administrativa pública, então não tinha outra, também Agronomia, tavam naquela universidade de agricultura, então não tinha outra no país, era direcionado para área.